

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
BACHARELADO EM HISTÓRIA

STELLA TEIXEIRA SOLANO CAMÉLO

Vestígios de um *Desmundo*: O casamento na formação da ordem colonial da América Portuguesa, através do romance histórico de Ana Miranda

MACEIÓ
2022

STELLA TEIXEIRA SOLANO CAMÊLO

Vestígios de um *Desmundo*: O casamento na formação da ordem colonial da América Portuguesa, através do romance histórico de Ana Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao curso de Bacharelado
em História da Universidade Federal de
Alagoas - UFAL, como requisito parcial
para obtenção da conclusão do curso

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Cláudia
Aymoré Martins.

MACEIÓ
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C181v Camêlo, Stella Teixeira Solano.
Vestígios de um *Desmundo* : o casamento na formação da ordem colonial da América Portuguesa, através do romance histórico de Ana Miranda / Stella Teixeira Solano Camêlo. – 2022.
70 f. : il.

Orientadora: Ana Cláudia Aymoré Martins.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 68-70.

1. Romance histórico. 2. Casamento. 3. Mulheres - História. I. Título.

CDU: 821.134.3(091)-31:392.5

Dedico este trabalho a todas as minhas professoras mulheres do ensino básico que me inspiram desde à infância: Elizaneide Costa, Helena Cavalcante, Idaslane Pinho, Cristina Patriota, Márcia Maia, Gabriella Costa, Sirleide Dantas, Calline Lima, Danielle Lauer, Flávia Cedrim e Érika Soares, pelos conhecimentos passados à mim durante a maior parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e meus avós maternos, pelo incentivo extremo à educação.

À todos os meus professores do ensino básico, em especial aos de história e língua portuguesa, que me ajudaram a entender questionamentos importantes.

À todos os meus professores do curso de História da Universidade Federal de Alagoas, em especial à Profa. Dra. Ana Claudia Aymoré Martins, que fez as vezes de orientar essa dissertação, além dos integrantes da banca Prof. Dr. Elias Ferreira Veras e Profa. Dra. Ana Paula Palamartchuk, que puderam abrilhantar ainda mais nas possíveis considerações acerca da temática.

Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar (uhu!)

E eis que de repente ela resolve então mudar

Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar (uhu!)

Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também

PITTY. **Desconstruindo Amélia**. Rio de Janeiro: Deckdisc: 2009. Rafael Ramos.

(3:56)

RESUMO

Desmundo (1996) é uma obra da cearense Ana Miranda. Tal obra é considerada um romance histórico de extrema importância para a reflexão historiográfica acerca do período colonial no Brasil, principalmente numa emergente História das Mulheres. Tradicionalmente, a historiografia silenciou a voz de uma grande parte das mulheres que viveram por momentos considerados históricos. Como forma de contribuir com a dissolução dessa omissão - principalmente por ter como narradora uma mulher considerada “subversiva” -, *Desmundo* é uma obra que merece uma atenção maior. O principal objetivo nessa dissertação é compreender que o casamento na colônia era um dos principais vernáculos de opressão, imposto pelo Estado e pela Igreja Católica, para controle das mulheres. Por isso, a história de Oribela, de seu marido Francisco de Albuquerque e de Ximeno, o mouro, na atual Pernambuco, pode nos direcionar a uma problematização latente, que é o casamento como sistema de opressão para as mulheres, como parte da estruturação de uma sociedade patriarcal. Teóricos importantes para o maior entendimento da relação História e Literatura como Linda Hutcheon, Italo Calvino e Hayden White foram utilizados, inicialmente. Em seguida, para abordar uma história das mulheres no Brasil e a instituição do casamento na colônia, Silvia Federici, Mary Del Priore, Jean Delumeau, Laura de Mello e Souza, Carla Pinsky e Ronaldo Vainfas, além de alguns artigos em específico sobre a obra e outras leituras de apoio ajudaram traçar os rumos dessa pesquisa. Essa dissertação foi construída com base numa pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC 2018/2019) acompanhada juntamente das discentes do curso de História Nathália Ourives Tavares e Nara Machado Gonçalves de Andrade, com orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Aymoré Martins, que orientou também essa monografia.

Palavras-chave: Romance histórico; Casamento; História das mulheres.

ABSTRACT

Desmundo (1996) is a work by Ana Miranda from Ceará. This work is considered a historical novel of extreme importance for the historiographical reflection about the colonial period in Brazil, mainly in an emerging History of Women. Traditionally, historiography has silenced the voice of a large part of the women who lived through moments considered historic. As a way of contributing to the dissolution of this omission - mainly because its narrator is a woman considered "subversive" -, *Desmundo* is a work that deserves greater attention. The main objective of this dissertation is to understand that marriage in the colony was one of the main vernaculars of oppression, imposed by the State and the Catholic Church, to control women. For this reason, the story of Oribela, her husband Francisco de Albuquerque and Ximeno, the Moor, in present-day Pernambuco, can direct us to a latent problematization, which is marriage as a system of oppression for women, as part of the structuring of a patriarchal society. Important theorists for a better understanding of the relationship between History and Literature such as Linda Hutcheon, Italo Calvino and Hayden White were initially used. Then, to address a history of women in Brazil and the institution of marriage in the colony, Silvia Federici, Mary Del Priore, Jean Delumeau, Laura de Mello e Souza, Carla Pinsky and Ronaldo Vainfas, in addition to some specific articles on the work and other supporting readings helped to trace the directions of this research. This dissertation was based on a Scientific Initiation research (PIBIC 2018/2019), followed by the students of the History course Nathália Ourives Tavares and Nara Machado Gonçalves de Andrade, with guidance from Profa. Dr. Ana Claudia Aymoré Martins, who also supervised this monograph.

Keywords: Historical novel; Wedding; Women's history.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR	16
2.1 WHITE E A TEORIA DO FARDO DA HISTÓRIA	18
2.2 CALVINO E A LEVEZA PERTINENTE NA LITERATURA	21
2.3 HUTCHEON E A TEORIA DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA	25
3. AS VOZES QUE FORAM SILENCIADAS: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DAS MULHERES PARA COMPREENSÃO DA PERSONAGEM ORIBELA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	31
3.1 A CONSTRUÇÃO DO MEDO COLETIVO SOB A FIGURA DA MULHER NA IDADE MÉDIA E IDADE MODERNA	37
3.2 AS MULHERES E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA NA AMÉRICA PORTUGUESA, PERSONIFICADAS PELA PERSONAGEM ORIBELA	44
4. OS VÁRIOS (DES)MUNDOS QUE ORIBELA ENCONTRA NA AMÉRICA: CASAMENTO E OPRESSÃO NA COLÔNIA	49
4.1 O VALOR DO CASAMENTO NA SOCIEDADE DO SÉCULO XVI.....	52
4.2 QUAL ERA O (DES)MUNDO ENCONTRADO POR ORIBELA?.....	56
4.3 FORMAS DE RESISTÊNCIA DENTRO DE UM CASAMENTO, PROTAGONIZADO POR ORIBELA	62
5. CONCLUSÃO	66
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

1. INTRODUÇÃO

Os anos iniciais do Brasil enquanto colônia se tornam de importante compreensão, visto que se trata do nascimento de uma nação que molda-se aos preceitos europeus. Por isso, personificando uma grande contribuição para a historiografia e para a literatura brasileira, *Desmundo* (1996) se configura como substancial fonte para entendimento da formação desta sociedade, principalmente no tocante à questão feminina nos trópicos.

Utilizar um romance histórico para compreender um determinado recorte temporal serve não somente para compreender o passado, mas também para compreender vestígios recentes e até mesmo histórias recentes¹. Quando pensamos em *Desmundo* (1996) enquanto fonte de investigação, podemos também pensar nas características nele imbricadas, que auxiliam o/a historiador(a) a realizar pesquisas históricas que elucidem determinadas problemáticas².

Exemplificando o problema citado acima, o ano em que foi escrita a obra e a produção cinematográfica lançada posteriormente, refere-se aos 500 anos desde o “descobrimento” do Brasil. Podemos inferir que as obras em questão emergem num sentido histórico de questionamentos acerca da real identidade brasileira, e *Desmundo* (1996) auxilia justamente para compreender como formou-se a sociedade brasileira, além de analisar alguns vestígios recorrentes na atualidade.

Para mais, quando pensamos no romance histórico da cearense Ana Miranda *Desmundo* (1996)³, além de sua essencial importância no meio acadêmico⁴, podemos compreender este também como uma fonte que pode reiterar problematizações históricas relevantes. Por isso, compreender e analisar o papel da mulher como agente ativa de sua própria história pode ser assim percebida nesse romance histórico de extrema importância para composição da monografia.

¹ Tal comentário serviu de impulso inicial para compor essa dissertação, pois foi um comentário tecida durante a apresentação do projeto PIBIC, feito pela avaliadora do projeto.

² No caso deste trabalho, a problemática do ocultamento das mulheres da historiografia.

³ A obra também já teve adaptação ao cinema, em 2002, tendo como diretor o cineasta francês radicado no Brasil Alain Fresnot. Porém, nesta dissertação foi utilizada apenas a nível de complementação da fonte principal - romance histórico -, e não como um *corpus documental*.

⁴ Ana Miranda torna-se de importante reconhecimento na academia devido a seu vasto acervo de obras literárias que abordam temáticas históricas, como *Boca do Inferno* (1989), *O retrato do rei* (1991), *A última quimera* (1995), *Desmundo* (1996), *Amrik* (1997), *Clarice* (1999) e *Yuxin* (2009). Por isso, a escritora cearense nascida nos anos 50 e suas respectivas obras tornam-se importantes instrumento de pesquisa histórica.

Para isso, foram utilizados, como base principal de nossas reflexões, autores que discutem a relação literatura e história, como Hayden White em sua obra *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura* (2001), Italo Calvino com sua póstuma obra *Seis propostas para o próximo milênio* (1990) e a teórica canadense Linda Hutcheon com sua obra *Poética do pós-modernismo: História, teoria e ficção* (1991).

Tais autores auxiliaram a elucidar importantes questões sobre o trato dessa relação que é advinda da Escola dos Annales, que adiciona um caráter investigativo ao estudo da História, que antes era um estudo tradicional e positivista, não admitindo fontes secundárias⁵ como fontes fidedignas.

Baseando-se em teóricos que estudam a relação história e literatura, podemos concluir que ambas podem ser utilizadas para análise investigativa de determinada problemática elencada por um historiador, principalmente quando pensamos nos costumes de certa sociedade.⁶

Agindo de modo que vozes marginalizadas possam ser ouvidas, foi utilizado um romance histórico que concedeu voz aos marginalizados da colônia: mulheres, indígenas e pobres⁷. É nisto que reside o papel de um romance histórico: além de oferecer um caráter inovador, desmistifica o conceito de que a História é uma ciência decorativa e repetitiva, pois pode-se descobrir uma gama de tradições passadas que a historiografia eventualmente ocultou. Salman Rushdie afirma que

A história é uma seleção natural. Versões mutantes do passado lutam pelo domínio; surgem novas espécies de fato, e as verdades antigas, antediluvianas, ficam contra a parede, com os olhos vendados, fumando o último cigarro. Só sobrevivem as mutações dos fortes. Os fracos, os anônimos, os derrotados deixam poucas marcas. (...) A história só ama aqueles que a dominam: é uma relação de escravidão mútua. (RUSHDIE, 1983 *apud* HUTCHEON, 1991)

Pensando nesse sentido, no entanto, não pode-se levar o conceito de História somente como uma “seleção natural” onde somente os fortes podem

⁵ Em sua síntese, as fontes secundárias são aquelas que discutem informações de uma original - chamada fonte primária. Nesta fonte secundária, existem análises e interpretações de outros historiadores.

⁶ Nesta dissertação foi pensado o papel da mulher no casamento colonial no Brasil.

⁷ Torna-se importante salientar que *Desmundo* (1996) trata principalmente de mulheres marginalizadas na sociedade na emergência da sociedade brasileira. Por isso, as mulheres marginalizadas de tal período histórico concentram-se nas mulheres explicitadas acima. As mulheres negras, por exemplo, não inserem-se nesse contexto pois no datado ano - 1552 - ainda não se existia a presença dos africanos escravizados na América Portuguesa.

dominar a mesma. A ideia dessa monografia é desmistificar o ideal de que a História seria um estudo somente das personagens que exerciam uma determinada “força” na sociedade, concedendo a personas marginalizadas suas vozes, que foram por muitos períodos, silenciadas.

Por isso, pensando em se ampliar o rol de conhecimentos acerca da época colonial em sua emergência, o romance histórico de Ana Miranda (1996) é analisado para compreender a emergência não somente de uma nova sociedade⁸, mas também para ouvir essas vozes dos “fracos”, que foram silenciados.

Oribela, a personagem ficcional criada por Ana Miranda como protagonista de seu romance, personifica uma persona de resistência, em meio à tantos (des)mundos/(des)mandos que eram acometidos à sua vida: praticamente criada num convento por ser órfã, foi tirada de sua terra natal - Portugal - para poder ir “reproduzir e procriar” na América Portuguesa, e mesmo a personagem tendo esperança de ter uma vida boa além-mar, na narrativa, era evidente quanto sofrimento permeou a vida da protagonista da história.

A fim de compreender como essa mulher era inserida na realidade do Novo Mundo, foram utilizados três importantes nomes: Silvia Federici em sua obra *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), Jean Delumeau em *História do medo no ocidente: Uma cidade sitiada (1300-1800)* (2009) e Mary Del Priore em duas de suas célebres obras: *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia* (1990) e *Mulheres no Brasil colonial* (2003).

Tais nomes enriqueceram essa dissertação para compreender a condição das mulheres na história, principalmente na transição do medievo para a modernidade, dando principal ênfase nas mulheres da América Portuguesa, e como foram as possíveis resistências dentro de um sistema que as oprimia por diversas razões, seja por medo ou por necessidade de se mostrar poder sobre os corpos das mulheres.

Sabe-se que as mulheres, desde os primórdios da existência, estavam inseridas na sociedade de forma ativa, mas houve, de fato, um silenciamento de suas vozes encabeçado, principalmente, por duas instituições: a Igreja, que tinha por objetivo principal controlar as mulheres para que as mesmas não exercessem

⁸ Sociedade esta que se baseia em preceitos do antigo regime, principalmente do país-metrópole Portugal.

poder sobre os homens, além de incentivar o casamento como forma de controle dos pecados⁹ que esse (des)mundo poderia oferecer para os homens¹⁰; e, em segundo lugar, o Estado, que, tornava oficial algumas práticas que mantinham a mulher em posição de dependência dos homens.

Essa situação iniciou, portanto, na Europa Medieval; porém, com o advento do mercantilismo, o contexto de conquista e colonização das Américas possibilitou que a realidade europeia funcionasse como um espelho para as futuras sociedades americanas, o que acomete, também, a América Portuguesa.

Por isso, o controle da ordem colonial também era personificado pelas duas das mais influentes instituições citadas acima, de uma forma ainda mais intensificada, pois a colonização brasileira foi marcada, inicialmente, pela vinda de pessoas consideradas subversivas¹¹ para a sociedade portuguesa.

Por isso, dando voz às mulheres que foram oprimidas pelo sistema patriarcal e pela historiografia, *Desmundo* traz um importante adendo: Uma História das Mulheres que é contada, finalmente, por uma mulher que, sob sua própria ótica, disserta sobre como a situação de sua vida e de outras mulheres era degradante e beirava a humilhação, pois as mesmas eram submetidas aos desejos dos homens - nesse cenário, seus maridos.

No que se concerne o estudo do casamento enquanto mantenedor da ordem colonial, foram utilizados nomes como Ronaldo Vainfas com duas de suas célebres obras: *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão* (1986) e *Trópico dos pecados: Moral, inquisição e sexualidade no Brasil* (2017), Laura de Mello e Souza com a obra *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial* (2009) e sua coletânea com Fernando Novais, *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa* (1997) e a coletânea de Roger Chartier, *História da vida privada: Da renascença ao século das luzes* (2009), a fim de elucidar as principais questões acerca da temática, além de alguns estudos específicos em outros artigos.

⁹ Como exemplo nos trópicos, os homens praticavam fornicção com as mulheres indígenas e, por isso, os padres jesuítas começaram a incentivar o casamento para controlar possíveis desejos lascivos. Oribela insere-se, nesse sentido, como uma mulher órfã que foi mandada pela coroa portuguesa para desposar-se, mesmo que contra sua vontade.

¹⁰ As mulheres indígenas eram consideradas como um dos grandes desafios para controle de desejos dos homens, pois andavam com as “vergonhas expostas”.

¹¹ Nesse sentido, presos, órfãs, prostitutas, viúvas e parcelas consideradas inúteis para sociedade portuguesa protagonizaram a colonização nos anos iniciais pós “descoberta” do Brasil.

Sabe-se que o casamento é uma instituição que já existia na Europa medieval e nesse contexto servia para controlar a sociedade dos prazeres insanos da carne, além de uma crescente pedida para a procriação. Dentro do contexto colonial, inicialmente, espera-se que a elite colonial também siga os mesmos passos, agora para formação de famílias e povoação daquele local.

Com isso, *Desmundo* (1996) funciona dentro dessa realidade colonial, onde mulheres enviadas pelo rei de Portugal com o intuito de casar e formar famílias para povoação da colônia apresentam sua versão dos fatos de uma História que é unicamente delas mas que, pela omissão de uma historiografia “oficial” e positivista, foram relegadas somente ao papel de coadjuvantes.

A proposta dessa dissertação é compreender como mulheres nesse sentido podem personificar vivências que se tornam importante para a construção de uma nova História das mulheres, que permite que estas tenham suas vozes ouvidas e compreendidas.

Por isso, para melhor compreensão desse (des)mundo onde Oribela e outras órfãs se inserem, foram elencados alguns pontos importantes, personificando cada um desses em capítulos, respectivamente: As relações entre literatura e história; Estudo de Oribela enquanto voz das mulheres que foram marginalizadas de uma historiografia essencialmente patriarcal, dando-se uma importância à uma emergente História das Mulheres e a composição do casamento como principal forma de manutenção da ordem colonial.

2. RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

A relação entre Literatura e História é, de fato, uma das grandes conquistas do século XX. Juntamente com o advento da *Escola de Annales*¹² que trouxe a chamada *Revolução documental* à voga, a historiografia pôde se reinventar no tocante às fontes históricas.

Com tal advento, a historiografia torna-se cada vez mais crítica, causando no historiador uma instigação pela busca da “problemática” e suas possibilidades em questão de possíveis respostas em alguns pontos de investigação da História. Não somente como forma de problematizar alguns pontos, abre-se um leque infinito de novas fontes históricas, como a própria literatura.

O diálogo interdisciplinar entre Literatura¹³ e História começa a se desenvolver em meados dos anos 90 no Brasil, sendo considerada assim uma abordagem relativamente nova à historiografia. Tanto a História, quanto a Literatura podem ser consideradas formas de explicar o presente, “inventar”¹⁴ o passado e pensar o futuro, por isso, a mesma deve ser utilizada com responsabilidade.

Quando trabalhamos com a literatura enquanto uma fonte histórica, devemos levar em consideração duas opiniões bastante controversas: Ao mesmo tempo em que a literatura auxilia a elucidar perspectivas que talvez outras fontes não tragam, não se pode levar em consideração que determinada obra passa fielmente o que se passou em determinada época. Reyes (2015) em seu artigo *Seguindo a correnteza: a literatura como fonte histórica* nos afirma que

consideramos a literatura como uma representação escrita da história permeada pela imaginação do autor, influenciado pelo meio em que vive. Como fonte histórica é legitimada pois tem a capacidade de lançar uma luz não contemplada por outras fontes. A literatura como fonte auxilia na compreensão do ambiente sociocultural do período referente à obra, pois a

¹² A chamada *Escola dos Annales* foi um movimento que contribuiu para a atualização da historiografia. Nascida na França e tendo como precursores principais os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, a ideia do movimento era conceder à historiografia um status menos positivista, dando assim abertura para novas fontes de investigação na história.

¹³ O termo *literatura* é utilizado, portanto, como uma estrutura ficcional que pode ser utilizada enquanto elucidação de determinadas historicidades.

¹⁴ Quando utilizamos o verbo infinitivo *inventar*, não quer dizer que a história será inventada de fato, e por isso, inverídica. Podemos afirmar, nesse sentido, que a literatura pode ser utilizada para ter um ponto de vista específico, na qual a interpretação pode demonstrar questões pertinentes aos homens de uma determinada época - nesse caso, a sociedade colonial da América Portuguesa em sua gênese.

transfiguração da realidade e sua transposição para a ficção traz em si significados para o entendimento da sociedade de homens e mulheres de seu tempo. (p. 110)

Ainda podemos conceituar a História como a representação do passado, sendo esta descoberta do passado, sendo esta veiculada por acontecimentos definidos pela escrita ou pela oralidade. Já a literatura, como algo que compreende independente de época, textos de ficções de todo o tipo.

Lemarie, citada por Santos (2007) afirma que a estreita relação entre literatura e história pode perceber-se, primeiramente pelo passado chegar como fragmentos, por meio dos documentos que eventualmente são partes de um passado que cabe ao historiador (a) a interpretação. Em um segundo plano, também considerar que a história é feita pela diferenciação entre o passado concreto e a narrativa que pode ser construída a partir do trabalho do historiador enquanto investigador do passado.

Por isso, em se tratando de trabalhar com duas áreas estritamente complementares, deve-se ter um cuidado excepcional, no que se diz respeito a diferenciar, por exemplo, aspectos ficcionais e não-ficcionais, e enquanto historiador, poder realizar uma análise coerente com o recorte histórico pretendido.¹⁵

Para existir tal relação hoje reconhecida enquanto área historiográfica de investigação, foram utilizadas nesse trabalho teóricos como Hayden White (2001), Linda Hutcheon (1991) e Italo Calvino (1990) que se tornam relevantes para as aproximações necessárias das áreas de História e Literatura e como estas podem ser vistas como áreas híbridas.

Hayden White (2001) e Italo Calvino (1990) foram analisados e utilizados para compor inicialmente o capítulo pois é de importante conhecimento que o estudo da História seja considerado divergente: alguns autores acreditam que a História carregue um “fardo”, assim como White, e outros creem que a História pode e deve ser vista com mais “leveza”.¹⁶

Já Linda Hutcheon (1991) trata dos conceitos pertinentes para a análise de um romance histórico. Por isso, conceitos como a metaficção historiográfica, se

¹⁵ Nesse caso em específico, foi analisado Pernambuco em meados de 1532, e a sociedade colonial emergente.

¹⁶ A dicotomia Peso versus Leveza tomou em diversos momentos da estruturação da monografia, sendo baseada em grupo de estudos e discutidos como base para análise historiográfica da obra de Ana Miranda, Desmundo.

torna de imprescindível importância para formação do historiador como um ser que participa ativamente da construção de um ideário temático.¹⁷

Conceitos de extrema importância como: romance histórico, meta-história, metaficção historiográfica, dicotomia entre real e imaginário, presente e passado são temáticas de suma importância para complementação desta monografia, além da compreensão e enriquecimento intelectual para a academia para além de novas abordagens no fazer história.

Para tanto, a análise historiográfica do então considerado romance histórico *Desmundo*, da cearense Ana Miranda serve de uma das variadas interpretações do recorte temporal da colônia luso-americana e uma forma de contestação de uma “história oficial” que acaba excluindo certos personagens, por não serem privilegiados pela própria história - tais como negros, pobres, homossexuais e mulheres, concedendo a estes o poder de contar a história diante de sua perspectiva.

Por isso, compreender quais as características de um romance histórico, bem como analisar criticamente personagens e/ou acontecimentos históricos se torna de extrema importância para enriquecer ainda mais a academia no que se concerne ao estudo da história.

2.1. WHITE E A TEORIA DO FARDAMENTO DA HISTÓRIA

Hayden White afirma em seu trabalho *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura* (2001) inicialmente, que existia uma certa hostilidade em encarar a história enquanto estudo totalmente científico. Para tanto, iniciou seus estudos com base nos filósofos da história como Ranke¹⁸, Tocqueville e Michelet, além de Marx e Engels.

Para exemplificar a certa “hostilidade” na qual a história é encarada por alguns autores, White traz a ideia de Paul Válerý, filósofo francês do século XIX que afirma

¹⁷ Por isso, a metaficção historiográfica nos permite distinguir o “fato” do “acontecimento” que é compartilhada por muitos historiadores.

¹⁸ O princípio Rankeano afirma que se atribui à história a tarefa de julgar o passado, de instruir o presente em prol das gerações futuras. O presente estudo não se atribui tarefa tão elevada: limita-se a mostrar como as coisas efetivamente aconteceram (*Wie es eigentlich gewesen*). (RANKE apud RICOEUR, 2010, v. 3, p. 272, nota 1). Para Ricoeur, esta máxima demonstra o desejo do historiador de se despojar de suas preferências pessoais, e fazer aparecer as poderosas forças históricas que se revelaram no correr dos séculos.

A história é o mais perigoso produto que surgiu da química do intelecto... A história justificará qualquer coisa. Ela ensina precisamente coisa alguma, pois traz em si todas as coisas e fornece exemplos de todas as coisas... Nada foi mais completamente arruinado pela última guerra do que a pretensão à antevisão. Mas isso não se deveu a qualquer falta de conhecimento da história, sabe? (VALÉRY, 1931 *apud* WHITE, 2001).

Em outras palavras, Paul Valéry critica as concepções historiográficas que têm por objetivo transformar a história em um discurso isento de interesses, tornando-a menos ciência que a própria literatura.

A história, nesse sentido, acaba tornando-se um compilado de informações coletadas segundo a perspectiva de um historiador específico, e, por isso, não pode ser considerado uma verdade absoluta.¹⁹

Para além disso, em sua obra, White utiliza a expressão *fardo da história*²⁰ para representar o grande dilema que é trabalhar com a história, tendo como principal problemática a falta de autocrítica de alguns trabalhos historiográficos, podendo dar à história uma noção de que a história tem um fim em si mesmo.²¹

Nesse sentido, o estudo da história sendo somente a mera *apuração*²² de fatos sem a interpretação crítica do historiador não pode ser considerado como uma história absoluta e fidedigna, pois a problemática proposta em determinado recorte temporal precisa ser solucionada.

Isso detém uma das maiores preocupações da Escola de Annales²³ em tornar a história uma área de investigação do passado e também uma forma de inferir que a História pode seguir outros cursos que a contemplam, como por exemplo as artes. Portanto, White (2001) nos afirma que

No mundo em que vivemos diariamente, quem quer que estude o passado como um fim em si deve parecer ou um antiquário, que foge dos problemas

¹⁹ Por ser considerado até fantasioso por Valéry, há também uma espécie de hibridismo entre a literatura e a história, pois a literatura também agarra-se em algo que pode ser considerado ficcional.

²⁰ Ensaio lançado por White que demonstra que a história é construída em duas partes: uma artística e outra científica. Para entendimento maior, tais facetas não devem se opor, e sim, complementar-se, confirmando-se a ideia do hibridismo que envolve literatura e história.

²¹ Nietzsche em *O nascimento da tragédia (1872)* afirmava que a sede pela busca da história tinha mais a ver com o medo do futuro do que o prazer pelo que já aconteceu. Por isso, a ideia de White é utilizar uma nova interpretação da história, baseada na modernidade.

²² O termo *apuração* foi utilizado, nesse sentido, para demonstrar que a História não pode ser encarada como somente um amontoado de fatos que constituem uma narrativa fidedigna. O estudo dessa monografia serve para basear que podemos utilizar outras formas de investigação, como por exemplo a literatura.

²³ A ideia da Escola de Annales é, nesse sentido, quebrar o paradigma no qual a História seguiria uma sequência linear e positivista, enxergando as possíveis potencialidades que uma História fluída e em busca da solução da problemática proposta pode oferecer ao historiador.

do presente para consagrar-se a um passado puramente pessoal, ou uma espécie de necrófilo cultural, isto é, alguém que encontra nos mortos e moribundos um valor que jamais pode encontrar nos vivos. O historiador contemporâneo precisa estabelecer o valor do estudo do passado, não como um fim em si, mas como um meio de fornecer perspectivas sobre o presente que contribuam para a solução dos problemas peculiares ao nosso tempo. (p. 53)

Hayden White defende, portanto, que exista uma dinâmica bem mais intensa que permita novas perspectivas, que são facilitadas tanto pela arte quanto pela ciência. É necessário sim haver uma consciência histórica, porém, para tornar a história em si menos “fardo”²⁴, e se tornar mais sensível sendo utilizada também a arte para isso.

Podemos confirmar, de acordo com os pensamentos de White (2001) que a ideia de História como sendo algo que exista presente, passado e futuro com suas fronteiras claras e definidas e principalmente, fixas, deve ser desmistificado. Pensar isso nos confere a importância que a relação literatura e história tem para compreensão do conceito de história e do trabalho do historiador na construção de perspectivas históricas dissidentes.

Dentro desse contexto, o conceito de uma *meta-história*²⁵ encaixa-se nesse perfil, pois a mesma introduz novos métodos de compreensão e interpretação do conhecimento histórico, possibilitando o advento da história sob a perspectiva de uma narrativa ficcional.

Por isso, Hayden White acredita que é importante para o/a historiador (a) quebrar barreiras que o limitam em relação ao conhecimento histórico, promovendo uma maior aproximação entre as áreas de literatura e história, advento este que o modernismo literário possibilitou de uma forma mais ampla.

A principal problemática da meta-história seria desenvolver a história voltada para si própria, tendo um caráter autorreflexivo, principalmente nos questionamentos de como narrar e o que narrar.

Por isso, é dever do (a) historiador (a) sempre reinventar-se no tocante aos discursos da história, priorizando não somente uma história com bases racionais e

²⁴ Esse fardo refere-se, em suma, à incapacidade do historiador em conceder perspectivas e soluções para os problemas que concernem à uma determinada situação histórica.

²⁵ É uma vertente mais explicativa baseada na filosofia, introduzida principalmente por Hayden White. É inicializado pela obra *Trópicos do discurso* em 1994, sendo utilizado como principal corpus documental deste trabalho na teorização da edição de 2001.

objetivas, mas conceder o espaço de uma possível imaginação, que provém das artes e da literatura. Essa abordagem historiográfica também se torna essencial, pois “somente a história serve de mediadora entre o que é e o que os homens acham que deveriam ser, exercendo um efeito verdadeiramente humanizador”. (WHITE, 1994, p. 63).

A problemática do fardo da história pode ser solucionada, portanto, tendo consciência que a história não pode ser vista como imutável e positivista e, principalmente, recorrer à arte, no caso desta monografia, o viés literário pode ser utilizado como uma nova abordagem histórica. Isso também pode ser catalogado como um desafio literário, no qual o principal objetivo é formar uma história que combata os termos positivistas.

Essa nova “abordagem” é baseada em teorias pós-modernistas²⁶ nas quais possibilita enxergar que a história não se resume somente à um registro oficial escrito e perpetuados pelos “opressores”, mas sim de variados pontos de vista que concedem uma visão ampliada da história sob outros olhos, olhos esses dos personagens oprimidos por toda uma historiografia que possivelmente privilegiou uma pequena porção e a considerou como fidedigna e verdade. Por isso, Hayden White foi um dos teóricos que criticou fervorosamente a história positivista e factual.

2.2. CALVINO E A LEVEZA PERTINENTE NA LITERATURA

Entrando em contrapartida com o “fardo” supracitado em Hayden White, o escritor radicado italiano Italo Calvino trata em sua palestra imortalizada como obra *Seis propostas para o próximo milênio (1990)* sobre algumas das principais características ou valores que devem ser perpetuados no próximo milênio – ou seja, no nosso século XXI.

Dentre esses valores, a leveza se personaliza enquanto temática da primeira palestra. Antes de tudo, para Calvino, a leveza se personifica principalmente enquanto um valor que um defeito. Para tanto, encarar a vida através das lentes da leveza, possibilita enxergar o mundo sob uma nova ótica. Para isso, o autor utiliza

²⁶ Nesse sentido, essa nova “vertente” elucida novas características ligadas principalmente ao enaltecimento da arte, iniciando-se nos anos 60, pós-período de guerras. Os teóricos pós-modernistas que serão citados durante a monografia como Linda Hutcheon, Hayden White, Italo Calvino e Roger Chartier fazem, ao seu modo, uma espécie de confronto à história oficial, em face da Nova História pregada pela Escola dos Annales.

de vários exemplos artísticos e literários para demonstrar que a leveza pode ser representada desde elementos linguísticos até metáforas que transmitam a necessidade da leveza.

São utilizados enquanto referência bibliográfica autores como *Cavalcanti, Lucrecio, Cyrano, Shakespeare e Ovídio*²⁷, a fim de demonstrar literariamente ao leitor a necessidade de reunir certos instrumentos para exemplificar a leveza como algo inerente à literatura. Contudo, devemos lembrar que: para conhecer a leveza e suas propriedades de ser, o peso em si também deve ser experimentado e reconhecido como algo de valor.

Iniciando suas considerações acerca da leveza e suas propriedades, Calvino (1990) utiliza o famoso mito grego de *Perseu e Medusa*, onde Perseu consegue vencer a Medusa olhando pelo reflexo de seu escudo²⁸, conseguindo assim decapitar a mesma e utilizar a sua cabeça como uma arma, tomando o cuidado de forrar o chão com algas para não danificar a monstruosa cabeça da medusa.

Esse mito, por suas alegorias, demonstra a necessidade de uma leveza em relação à Medusa, mesmo a monstruosidade em si da mesma tendo um caráter de *peso*. Por isso, após a análise do mito, Calvino (1990) afirma que

Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que, à maneira de Perseu, eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle (p. 21)

Por isso, torna-se de uma importância extrema compreender como a dualidade peso versus leveza pode ser caracterizada, tanto dentro da literatura em sua relação com a história, como para além da academia, até como propósito de vida mesmo. Portanto, Calvino estabelece que, mesmo a palavra *leveza* concedendo um significado *de pouco peso*, ela deve ser precisa, e não superficial.

Quando falamos de leveza, segundo Calvino (1990), não devemos imaginar algo solto, sem nenhuma relevância, mas sim algo com técnica e precisão. Para

²⁷ Obras citadas por Italo Calvino (1990): *Decamerão*, de Boccaccio (1348-1353), onde há citações sobre Guido Cavalcanti (1255-1300); *De rerum natura*, de Lucrecio (Século I a.C.); *Viagem à Lua*, de Cyrano (1921), *Sonho de uma noite de verão* (1590) e *Hamlet* (1600), ambos de Shakespeare e *Metamorfoses*, de Ovídio (1556).

²⁸ Na mitologia grega, a Medusa era uma criatura que petrificava aqueles que olhassem em seus olhos. Por isso, Perseu não poderia vencê-la olhando diretamente para a mesma, pois poderia ser petrificado.

tanto, parafraseia-se Paul Valéry²⁹, autor já mencionado por White (2001): “é preciso ser leve como o pássaro, não como a pluma.”. Essa máxima de Paul Valéry representa, no entanto, um dos maiores desafios para a busca da leveza, da compreensão de suas propriedades e seus usos, principalmente neste novo “milênio”.

Ainda demonstrando exemplos de leveza com base em obras literárias, Calvino utiliza a obra *A insustentável leveza do ser* (1984), da autora Milan Kundera. No mais, é vista a estreita relação que existe entre os conceitos de peso e leveza e como, mesmo sendo um desafio prevalecer a leveza, o peso também deve ser considerado como fator imprescindível:

Seu romance *A insustentável leveza do ser* é, na realidade, uma constatação amarga do Inelutável peso de viver: não só da condição de opressão desesperada e all-pervading que tocou por destino ao seu desditoso país, mas de uma condição humana comum também a nós, embora infinitamente mais afortunados. O peso da vida para Kundera, está em toda forma de opressão; a intrincada rede de constelações públicas e privadas acaba por aprisionar cada existência em suas malhas cada vez mais cerradas. (p. 21)

Nesse trecho, Calvino nos mostra como uma leveza que nos é considerada “boa”, por vezes, faz-nos prender num insustentável peso. Por ser considerado uma virtude para o autor, é necessário utilizar pesos e medidas para tal, ou seja, até que ponto algo leve torna-se pesado?³⁰. O que deve ser feito é aceitar e saber o valor do peso e, para isso, devemos saber definir a leveza, principalmente em caracteres literários.

Porém, ao mesmo tempo que temos que reconhecer o peso em algumas situações e atitudes, nunca podemos deixar que esse mesmo peso nos esmague. Para nível de exemplificação, Calvino utiliza a obra *De rerum natura*, de Lucrécio (séc. I a.C.)

Lucrécio quer escrever o poema da matéria, mas nos adverte, desde logo, que a verdadeira realidade dessa matéria se compõe de corpúsculos os invisíveis. É o poeta da concreção física, entendida em sua substância permanente e imutável, mas a primeira coisa que nos diz é que o vácuo é tão concreto quanto os corpos sólidos. (LUCRÉCIO *apud* CALVINO, 1990).

²⁹ Filósofo francês do século XIX e XX.

³⁰ Respondendo à esse questionamento, Calvino (1990) afirma que para se aproveitar a leveza da vida, das artes e afins, é necessário também reconhecer que o peso deve ser experimentado.

Utilizando-se de várias metáforas literárias, Calvino chega a conclusão das várias formas da leveza se instaurar, seja na vida, em momentos ou até em escrituras. No que se concerne à literatura, existem duas formas de elucidar essa dicotomia de peso versus leveza: Uma delas tende a utilizar uma linguagem sem elementos de peso e a outra, a compor a linguística de sensações de peso. Tais ideias foram praticamente difundidas por Cavalcanti e Dante³¹, escritores italianos que, por diversas vezes, demonstram respectivamente em suas obras, a leveza e o peso

Em Cavalcanti, tudo se move tão rapidamente que não podemos nos dar conta de sua consistência mas apenas de seus efeitos; em Dante, tudo adquire consistência e estabilidade: o peso das coisas é estabelecido com exatidão. Mesmo quando fala de coisas leves, Dante parece querer assinalar o peso exato dessa leveza. (p. 29)

Ainda dentro desse contexto, Calvino lista três formas de demonstrar a leveza nos textos literários³²: A formação de figura visuais leves, que permite que se forme a sensação física de leveza no ser humano; A narração assegurada por itens que assegurem a abstração e, por fim, despojamento da linguagem que permita aos significados uma consistência menos densa, mas não menos importante.

Com isso, leveza pode ser definida, principalmente, como algo que deve ser descrita com seriedade, precisão e liberdade. Quando nos referimos à literatura e seus usos, Calvino afirma que “a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta.” (1990, p, 22), então, podemos afirmar que o próprio autor pode se munir de estratégias que demonstrem a mesma virtude da forma correta de seu uso.

A missão do autor na literatura, no entanto, é, ao fazer uso da leveza, elencar as palavras e características adequadas à mesma, de forma que haja harmonia e estabelecendo um diferencial para atrair o leitor para aquela obra, permitindo que o mesmo sintam-se envolvido e viva esta leveza proposta nas obras literárias.

No entanto, compreender a ideia da literatura enquanto função existencial que norteia a busca de uma leveza, levando também em conta o tamanho peso de

³¹ Dante e Cavalcanti apresentam-se enquanto divergentes, porém, essenciais para entender as propriedades de peso e leveza inerte à literatura. Cavalcanti é reconhecidamente o poeta da leveza, principalmente em seus versos sobre a mulher amada. Já Dante acaba por exprimir o peso em obras reconhecidas mundialmente como *A Divina Comédia* (1320).

³² Para tanto, Cavalcanti é utilizado mais uma vez enquanto base de leveza em suas escrituras. Além disso, Emily Dickinson e Henry James, escritores inglesa e estadunidense também são utilizadas como exemplos.

se viver, é de extrema importância para que o ser humano entenda as sensações de se viver nessa “leveza”.

A utilização de elementos literários como correntes filosóficas, percepção, precisão da linguagem e ferramentas linguísticas específicas faz com que essa sensação de leveza seja perpassada para o leitor e assim, perpetuada não somente no papel, mas em vida.

2.3. HUTCHEON E A TEORIA DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Linda Hutcheon, em sua obra *Poética do pós-modernismo: História, teoria e ficção* (1991) trabalha um termo denominado *metaficção historiográfica*³³, onde configura-se a mescla da autorreflexividade da narrativa juntamente com a revisão crítica do fato histórico problematizado na própria ficção. Para tanto, é utilizada a intertextualidade para ressignificar ideais já difundidos na própria historiografia.

Inicialmente, Hutcheon remete à Ranke³⁴, afirmando que a literatura e a história eram “árvores do mesmo saber”, porém, com a sua eventual separação, ambas tornaram-se áreas distintas. Porém, mesmo sendo separadas, é importante ressaltar que ambas têm relação e que podem ajudar-se na construção da historiografia:

Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa (p. 141)

Por isso, todas essas características citadas acima podem ser consideradas também para eventual análise de um romance histórico³⁵, definindo, durante a

³³ No mais, o termo sintetiza a apropriação de personagens e/ou acontecimentos históricos sob a perspectiva da problematização dos fatos concebidos enquanto “verdadeiros”. Por isso, a análise feita na obra *Desmundo* (1996) vai de encontro a essa ideologia de metaficção histórica.

³⁴ Ranke é um dos historiadores que disserta acerca do *historicismo*, que busca incessantemente “escrever a história como ela realmente aconteceu”, algo que posteriormente a Escola dos Annales e os pós-modernistas repudiam, pois segundo os mesmos, torna-se impossível haver uma história nesses moldes. Ranke também preconiza a utilização de fontes históricas primárias para a concretização de uma história “oficial”. Mesmo que fuja da proposta dessa monografia, não podemos descartar totalmente sua contribuição para historiografia de um modo geral.

³⁵ O termo tem relação com um romance que é escrito com fatos históricos mesclados à literatura. Para tanto, a composição das personagens e cenários é feita de modo que estejam em concordância com documentos e dados históricos, que tem por objetivo conceder ao autor uma noção da vida e costumes daquela época.

narrativa, o que se configura história e o que se configura literatura, e como as duas áreas juntas podem contribuir, principalmente em termos historiográficos.

Contudo, para haver de fato essa relação existente não somente na teoria, mas também na prática, Linda Hutcheon também critica como o pós-modernismo se configura enquanto um “empreendimento cultural contraditório, altamente envolvido naquilo a que procura contestar” (p. 142). A teórica canadense também chega a criticar o conceito de *metaficção historiográfica*, concluindo que o objetivo da metaficção historiográfica seria, no final de tudo, problematizar a possibilidade do conhecimento histórico e por fim, a não existência de conciliação.

Mesmo assim, é louvável a história discursiva sobre a arte e a história, pois essa separação é considerada tradicional. Para demonstrar isso, Hutcheon cita Aristóteles, filósofo grego que tenta falar separadamente sobre as atribuições de um historiador em confronto com as de um poeta.

O historiador, por exemplo, só teria o dever de falar o que aconteceu; por outro lado, o poeta poderia idealizar o que poderia acontecer num futuro remoto. Mas isso não implica dizer que acontecimentos e/ou personagens históricos não pudessem aparecer na trama, pois, para Aristóteles, “nada impede que algumas das coisas que realmente aconteceram pertençam ao tipo das que poderiam ou teriam probabilidade de acontecer.” (1.451b)

Hutcheon também afirma que as áreas de literatura e história são gêneros permeáveis, ou seja, não pode existir uma separação definitiva entre ambas, tendo como exemplo a existência uma outra área das ciências humanas, a sociologia. No entanto, como podemos separar o que é real do que é fictício? A crítica aqui imbricada é: A estória³⁶ é uma ficção e a história um fato real que conta a história “oficial”. Para tanto, parafraseia-se M. White (1963): “toda história é uma história de alguma entidade que existiu durante um considerável período de tempo, e que o historiador quer afirmar o que é literalmente verdadeiro a seu respeito num sentido que faz distinção entre o historiador e um contador de estórias fictícias ou mentirosas.” (p. 4)

Mas até qual ponto essa história também não silenciou agentes históricos considerados “marginalizados”³⁷? Sabemos que a historiografia é, infelizmente,

³⁶ Michael Coetzee em sua obra *Foe* (1986) trabalha as diferenças entre estória e história.

³⁷ Exemplificando: pobres, mulheres, homossexuais, negros, indígenas e afins, assim como será analisado no romance histórico *Desmundo*.

formada por autores que destacaram apenas os *grandes da história*. Por isso, o advento da Escola de Annales traz essa problematização e busca os agentes da história que, por séculos, foi silenciada.

Isso também nos faz problematizar o que chamamos de verdade em um relato histórico. Por isso, a contribuição da literatura para com a história que emerge essencialmente no século XIX deve ser analisada pela academia com maior frequência, pois as duas áreas têm como desejo comum selecionar, construir e proporcionar a autossuficiência de um processo histórico. Utilizando essa teoria como base, Hutcheon parafraseia David Fisher

Para a verdade da arte, a realidade externa é irrelevante. A arte cria sua própria realidade, em cujo interior a verdade e a perfeição da beleza constituem o infinito refinamento dela mesma. A história é muito diferente. É uma busca empírica de verdades externas, e das verdades externas melhores, mais completas e mais profundas, numa relação de máxima correspondência com a realidade absoluta dos acontecimentos do passado.

Ao mesmo tempo, devemos levar em consideração que, do mesmo modo que existe uma crítica da arte em relação à história, também temos uma crítica da história em relação à arte. Para tanto, Hutcheon utiliza a concepção do estruturalista Todorov (1981): “a literatura não é um discurso que possa ou deva ser falso [...] é um discurso que, precisamente, não pode ser submetido ao teste da verdade; ela não é verdadeira nem falsa, e não faz sentido levantar essa questão: é isso que define seu próprio status de ‘ficção’.” (p. 18)

Porém, não podemos utilizar os antônimos *verdade e falsidade* quando estamos nos referindo à metaficção historiográfica, pois o que está sendo feito é uma análise historiográfica, utilizando caráter ficcional com o objetivo de ampliar horizontes que a historiografia tradicional não contempla, além de oferecer o estudo historiográfico de uma forma mais “visual” para o consumidor da mesma.³⁸

Importante também é notar que, mesmo tendo diferenças entre as áreas de literatura e história, podemos encontrar semelhanças nas mesmas, como: a diegese, a organização e o ritmo temporal. Porém, essas semelhanças não são suficientes para afirmar que história e literatura são a mesma coisa

Os romances (com a exceção de algumas superfícies extremas) incorporam a história social e política até certo ponto, embora essa

³⁸ Como exemplo disso, o romance histórico *Desmundo* pode ser consumido, por exemplo, por outras pessoas, sem ser do âmbito acadêmico.

proporção seja variável; a historiografia, por sua vez, é tão estruturada, coerente e teleológica quanto qualquer ficção narrativa. (HOUGH, 1966 *apud* HUTCHEON, 1991)

No entanto, mais uma vez, Hutcheon problematiza a concepção pós-moderna que afirma que a historiografia passa a ser um problema - não um problema de verificação, e sim de veracidade. Para Hutcheon, a teoria que relaciona a arte e a história, nesse sentido, é autorreflexiva e atua como um desafio de todo o conhecimento histórico, já que “tanto a ficção como a história são sistemas culturais de signos, construções ideológicas cuja ideologia inclui sua aparência de autônomas e autossuficientes. (p. 149)

A solução para essas problemáticas seria a ressemantização do conceito convencional de história, transformando assim a ciência da história como baseada sim em fontes históricas, mas nunca numa busca incessante de uma representação fidedigna do que “realmente aconteceu”.

Hutcheon utiliza também o autor Umberto Eco para elucidar questões pertinentes à metaficção historiográfica: Existem, segundo o mesmo, três formas de narrar o passado: a fábula, o romance histórico e a estória heróica. O romance histórico, aquele que nos interessa, se configura como essencial, pois segundo Eco, “os Romances históricos não só identificam no passado causas para o que veio depois, mas também investigam o processo pelo qual, lentamente, essas causas começaram a produzir seus efeitos (ECO *apud* HUTCHEON, 1991, p. 150)

Essa análise entre história e literatura cabe principalmente reescrever ou rerepresentar a história dentro da ficção, tornando-a mais completa e até mais contestável aos olhos dos historiadores. Por isso, quando pensamos em romance histórico, Hutcheon também utiliza Lukács para falar dos eventuais protagonistas dos romances históricos, que não podem ser os marginalizados pela sociedade³⁹.

Por isso, Lukács define também três maneiras de contestar essa característica: Se aproveitar das verdades e mentiras do registro histórico; Analisar a forma como o pós-modernismo utiliza os dados históricos e, em último mas não menos importante, delegar os personagens históricos a papéis secundários⁴⁰.

³⁹ Por ser um pensador marxista e um crítico literário, Lukács acredita que o romance realista é a forma literária por excelência da burguesia na medida em que privilegia o *tipo* - isto é, uma situação típica vivenciada por um personagem típico -, colocado sobre um pano de fundo histórico relevante; assim, pode-se ter uma compreensão geral das contradições que envolvem a sociedade burguesa-capitalista.

⁴⁰ No caso do romance histórico *Desmundo*, temos uma personagem histórica que se transformou, no enredo, em papel secundário. Dona Brites de Albuquerque, historicamente é esposa do primeiro

Ainda mais, o recurso de inserir personagens históricos ao enredo do romance histórico serve como estratégia para legitimar o romance enquanto “histórico”, concedendo a ligação “real” entre história e ficção.

Ainda há, nesse contexto, o aparecimento do romance não-ficcional, em meados dos anos 60. Tal categoria tem por objetivo contar histórias reais a partir de técnicas narrativas geralmente usadas em ficção. Mesmo havendo características em comum com o romance histórico, não deve ser confundido com o mesmo.

Quando nos atemos à questão da metaficção historiográfica e as formas de narração em um romance histórico, podemos afirmar que existem duas formas de narração: Privilegiar os múltiplos pontos de vista ou um narrador onipotente. No caso de *Desmundo*, por exemplo, a narradora é a personagem principal, Oribela.

A metaficção historiográfica tem por objetivo reduzir a distância entre passado e presente e também é uma forma de reescrever o passado sob uma nova ótica. Nunca teria o objetivo de “esvaziar” a história, e sim contemplá-la em um novo contexto: para Hutcheon, a “metaficção historiográfica demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada, e, nesse processo, consegue ampliar o debate sobre as implicações ideológicas. (1991, p. 158)

Faz-se então o questionamento: De quem é essa história? Sabemos que por anos a historiografia excluiu os “fracos” da história, então, a ideia é tornar esses excluídos os representantes de sua própria história, fazendo, por exemplo, os mesmos tomarem o seu destino para si e não se tornarem “esmagados” por um sistema exclusivista e opressor.

Com base em preceitos pós-modernos, no entanto, a história é visto como algo que é construído pelo homem e, por isso, pode não haver uma verdade totalmente absoluta. A metaficção historiográfica busca, segundo Hutcheon (1991), problematizar as relações de história e ficção.

Nesse contexto, podemos também salientar a importância de configurar o conceito de *romance histórico*⁴¹ nesse sentido. A obra *Desmundo* configura-se enquanto romance histórico e pode, diante do que é apresentado, ser analisada

donatário da Capitania de Pernambuco, é um desses exemplos, que faz as vezes de um papel secundário.

⁴¹ No Brasil, o romance histórico começa a ter força nos anos 70. Ana Miranda é um desses grandes nomes e em *Desmundo* há características evidentes como o questionamento da história “oficial”, intertextualidade e protagonismo de personagens históricos.

enquanto fonte histórica. Porém, não se torna um trabalho simples realizar essa análise crítica enquanto historiadores. É necessário ater-se à algumas características, elencadas por Hutcheon (1991)

não reflete a realidade, nem a reproduz. [...] ele [o romance meta historiográfico] re-contextualiza tanto os processos de produção e recepção como o próprio texto dentro de uma situação de comunicação que inclui os contextos social, ideológico, histórico e estético nos quais esses processos e esse produto existem. [...] A especificidade do contexto faz parte da 'localização' do pós-modernismo. [...] A contextualização discursiva do pós-modernismo, mais complexa e mais aberta, ultrapassa essa auto-representação e sua intenção desmistificadora, pois é fundamentalmente crítica em sua relação irônica com o passado e o presente. Isso se aplica à ficção e à arquitetura pós-moderna, assim como a grande parte do discurso teórico histórico, filosófico e literário contemporâneo. (p. 64 – 65)

Por isso, pode-se afirmar que o romance histórico tem por excelência estabelecer um diálogo entre a realidade e a ficção, havendo um período histórico que, por muitas vezes, é criticado e problematizado na trama. Por ser pós-moderno, o romance histórico de Ana Miranda ainda contabiliza uma grande contribuição para a historiografia brasileira, concedendo voz à classes marginalizadas pela história, como a classe feminina.

Linda Hutcheon também encara, assim como alguns teóricos pós-modernistas, a narrativa da história como principal meio de confrontar discursos e questionar fatos já pré-estabelecidos dentro de uma "história oficial". Nesse sentido, a relação da história e literatura serve também para elucidar algumas problemáticas que podem ser ocultadas, de certo modo, por uma historiografia que não concede voz a personagens marginalizados na sociedade.

3. AS VOZES QUE FORAM SILENCIADAS: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DAS MULHERES PARA COMPREENSÃO DA PERSONAGEM ORIBELA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

A emergência da História das mulheres no Brasil caracteriza um novo pensar da História enquanto objeto de investigação. Por isso, conhecer como essa vertente tomou forma na academia, além de compreender sua devida importância, merece uma especial atenção.

Durante séculos, a mulher foi posta como uma mercadoria pertencente ao homem - seja ele pai, avô, marido, irmão ou filho mais velho. Porém, para compreender a razão disso se perpetuar durante tantos séculos, pode ser analisada em detrimento da Escola dos Annales, que permitiu que outras perspectivas da História fossem estudadas.

Com o objetivo de criticar a visão da História dominante, a qual dava ênfase apenas aos grandes feitos dos homens, a História das mulheres tem por objetivo estudar a mulher enquanto sujeito de sua própria história, e não uma simples coadjuvante.

Desde os anos 70, no entanto, a área de pesquisa de História das mulheres no Brasil vem dando espaço para essas mulheres que foram ocultadas pela historiografia tradicional, tornando-se assim, marginalizadas socialmente. Pensando ainda mais numa ótica de escutar o que essas mulheres têm a nos contar, devemos com mais afinco analisar as categorias subalternizadas das mulheres de classes sociais baixas, como as analfabetas, órfãs⁴², viúvas, pobres, indígenas e negras.

Pensando nisso, esse capítulo teve como base estudos de grandes autores como Silvia Federici com sua obra *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), Jean Delumeau em *História do medo no ocidente: Uma cidade sitiada* (2009) e Mary Del Priore em obras como *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (1990) e *Mulheres no Brasil Colonial* (2003), tendo como objetivo explorar mais profundamente sobre a mulher enquanto símbolo demonizado⁴³ na Idade Média e Idade Moderna e, posteriormente, na colônia, perceber qual seu papel e quais suas formas de

⁴² Essa dissertação, por exemplo, trata principalmente da figura da personagem Oribela, portuguesa órfã que é trazida ao Brasil com o intuito de povoar a recente colônia portuguesa.

⁴³ A figura demonizada da mulher foi estudada, nesses termos, baseado nas obras de Jean Delumeau (1978) e Silvia Federici (2017).

resistência dentro de uma sociedade essencialmente patriarcal, utilizando a personagem Oribela do romance histórico *Desmundo* (1996).

Inicialmente, quando pensamos a figura da mulher de forma geral, Federici (2017) nos afirma que houve imagens de mulheres que o capitalismo precisava combater para manter a ordem, como por exemplo: “a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher *obeah*⁴⁴ que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião.” (p. 24)

Nesse sentido, a figura da personagem Oribela encaixa nesse perfil que o capitalismo precisa combater, ainda mais quando percebemos que a mesma pertence à uma classe desprivilegiada, pois é órfã, pobre e é trazida ao Brasil com o objetivo de povoar a Ilha de Vera Cruz, sendo posta ao bem dispor de homens até mais velhos que ela para poder desposar.

As órfãs faziam sinal da cruz, iam arranjar marido bom e principal, ou então uns fideputas desdentados, trolocutores surdos, furtamelões, bêbados, cornos, condes das Barlangas, bem me queres mal me queres, lobo nas ovelhas, caminho de espinhos, azemel de estrebaria, mulo namorado, fosse o que fosse, desde que dissesse: Senhora, quereis companhia? (MIRANDA, 1996, p. 21)

Quando também pensamos acerca do papel da mulher na sociedade, Federici (2017) afirma que as relações de submissão em relação ao homem datavam desde o período da servidão no medievo. Porém, além de uma relação de submissão dos gêneros feminino e masculino, existia também uma relação que envolvia a posição social na qual o homem estava inserido “[...] sobre a autoridade de seus maridos e de seus pais, prevalecia a autoridade dos senhores, que se declaravam em posse das pessoas e da propriedade dos servos e tentavam controlar cada aspecto de suas vidas, desde o trabalho até o casamento e a conduta sexual.” (p. 52)

Com isso podemos afirmar que a mulher vem sendo relegada aos “homens de sua vida” há séculos e a obra de Silvia Federici (2017) nos auxilia a compreender que a História das mulheres vem sendo apagada com o objetivo de esconder o protagonismo das mulheres na História.

Por isso, a obra auxiliou a construção da dissertação, contendo fatos importantes sobre a acumulação primitiva na perspectiva feminina, além de

⁴⁴ Aquela mulher que pratica a Obe, que significa magia secreta.

contemplar sobre a temática da *Caça às bruxas*, que teve por objetivo também mostrar por que essas mulheres foram demonizadas nesse processo.

É nesse sentido que Jean Delumeau e sua célebre obra *História do medo no Ocidente: Um cidade sitiada (1300-1800)* (2009) busca catalogar a mulher enquanto *Agente de satã*⁴⁵. Sua obra aborda como o medo⁴⁶ pode influenciar uma sociedade em sua coletividade, principalmente em aspectos ligados ao imaginário humano.

Pensando nisso, a ideia do medo é utilizada como base para busca de explicações sobrenaturais para determinados malefícios que aconteciam em determinado recorte temporal. Nesse contexto, acaba-se tendo uma mescla entre ciência e magia, e pode-se acreditar que a figura satânica pode se fazer presente em seus agentes: muçulmanos, judeus e mulheres⁴⁷.

Um dos grandes potencializadores da propagação do medo da mulher enquanto figura demoníaca foi, sem sombra de dúvidas, a Igreja Católica. Essa disseminação aumenta também com o advento da imprensa, que oferecia um certo destaque à mulher no que se concerne à arte, literatura e a própria teologia protestante.

Delumeau define o medo da mulher como uma espécie de *medo espontâneo* que se tornou um *medo refletivo*⁴⁸, pois está imbricado na sociedade devido à cultura vigente.⁴⁹ As causas para mudança nas tipologias de medo estão relacionadas à forma como a mulher passou a ser vista. Inicialmente, como objeto de desejo e também temor, e repulsa por ser considerada misteriosa:

[...] Freud notava com razão que na sexualidade feminina “tudo é obscuro [...] e bastante difícil de estudar de maneira analítica. Simone de Beauvoir reconhece que “o sexo feminino é misterioso para a própria mulher, oculto,

⁴⁵ A mulher aqui é considerada uma figura demoníaca, a qual é justificada por uma imagem que foi consolidada durante a Idade Média e que se alastra pela Idade Moderna.

⁴⁶ O medo, nesse sentido, sintetiza os temores de uma determinada sociedade, sendo especificada a época de transição entre a Idade Média e a Modernidade.

⁴⁷ O romance histórico *Desmundo* (1996) trata de duas figuras que “trabalham” para Satã: A mulher, personificada principalmente na figura de Oribela e o muçulmano, que é personificado pela figura de Ximeno, o mouro - o qual essa dissertação não concederá especial atenção, pois estará focada na temática de História das mulheres.

⁴⁸ Delumeau define dois tipos de medos vigentes nesse recorte temporal: Os espontâneos, que estão ligados ao medo do natural, como o medo do mar; e os refletivos, que são, pouco a pouco, inseridos na sociedade de modo a perpetuar em uma grande escala de tempo.

⁴⁹ Na idade moderna, a sociedade cultuou as imagens que foram impostas durante a Idade Média. Delumeau (1978) afirma que o próprio demônio era visto como um vassalo desleal, ou seja, um exemplo a não ser seguido. Essa premissa nos faz entender que, por estar há vários séculos no imaginário social, foi perpetuada ainda na idade moderna.

atormentado [...]. É em grande parte porque a mulher não se reconhece como seus os seus desejos. (DELUMEAU, 2009, p. 463)

A personagem Oribela, no entanto, tem uma percepção de si própria muito pautada nesse medo que é definido por Delumeau. Por se tratar de uma personagem órfã, criada num convento e que vem de Portugal para o Brasil com o intuito de formar famílias, essa *nova sociedade*⁵⁰ que está em face de emergência tem os mesmos preceitos portugueses, principalmente no que se concerne a religião: “E nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos pouco de nossos ímpetos mulheris dados ao demônio que devíamos temer e vigiar, vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas pelo espírito do maligno e que depois nos fôssemos confessar em joelhos.” (MIRANDA, 1996, p. 41)

Por isso, podemos constatar que a religião permeia essa sociedade de tal forma que as próprias mulheres se sentiam objetos de Satã. Mesmo se tratando da Idade Moderna tendo como advento a ciência e as formas de investigação, muito pouco se sabia sobre a fisiologia da mulher, como por exemplo a menstruação e o parto. Portanto, configura-se aqui o que foi dito anteriormente: na mesma medida que a mulher atraía o homem, causava repulsa, pois “atraído pela mulher, o outro sexo é do mesmo modo repellido pelo fluxo menstrual, pelos odores, pelas secreções de sua parceira, pelo líquido amniótico, pelas expulsões do parto. (DELUMEAU, 2009, p. 464)

Adentrando ainda mais na percepção sobre a sociedade colonial brasileira, Mary Del Priore com as obras *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (1990) e *Mulheres no Brasil Colonial* (2003) nos esclarece importantes questões de análise sobre o papel da mulher nessa crescente sociedade.

Em *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (1990), Mary Del Priore afirma que a herança dos modos de viver em Portugal foi a responsável pela continuação de certas ideologias e, com isso, a História das mulheres nessa colônia foi, portanto, de exploração. Refletindo sobre o papel dessas mulheres para além-mar, Priore disserta que

Este papel deveria refletir a participação feminina na conquista ultramarina, mas também a sua encanecida atividade na defesa do catolicismo contra a

⁵⁰ Por isso é interessante salientar que além da sociedade em geral ter uma visão demoníaca da figura da mulher, as próprias mulheres têm essa mesma visão, tudo fruto de disseminações de medos de uma cultura vigente.

difusão da Reforma Protestante. Mais ainda, havia que espelhar a presença feminina na consolidação de um projeto demográfico que preenchesse os vazios da terra recém-descoberta. (p. 18)

Por isso, é correto afirmar, segundo a autora, que a História das mulheres na sociedade colonial brasileira está altamente ligada aos costumes perpetuados na metrópole⁵¹. Por isso, a instituição do casamento⁵² e formação de famílias era essencial para controlar os possíveis desejos impuros que essa sociedade pudesse ter.

Exemplificando, a personagem Oribela se enxerga enquanto persona impura, que deve lutar contra desejos considerados errôneos nessa sociedade. Ao mesmo tempo, em certa parte do enredo, Oribela também se entrega a esse desejo tido como impuro,⁵³ demonstrando uma espécie de contradição⁵⁴ que envolve aquela sociedade:

Do mouro corri as vistas para fora, a modo de não agasalhar em minha lembrança a efígie de uma alma parida pelo Maomé. Mas no escuro de meu coração a vista dele se marcara, que dela me não podia livrar, fechando as vistas ou abrindo, de temor blasfemo de alguma maldita seita, espírito atalaia, estava ele dentro de mim ardendo como um feiticeiro, os mais desumanos e cruéis inimigos que nunca se viu no mundo. (MIRANDA, 1996, p. 29)

Mary Del Priore (1990) afirma que a política de adestramento que se induz referente ao corpo da mulher se sustenta em dois sustentáculos: Um discurso moralizador sobre os ideais de comportamento⁵⁵ e um discurso baseado no funcionamento do corpo feminino, que justificava que o papel claro da mulher nessa sociedade deveria se ater à procriação. Esses discursos tinham, portanto, como principal objetivo, controlar essas subjetividades femininas.

⁵¹ Portanto, a sociedade emergente na América Portuguesa tem como principal instituição controladora a Igreja Católica. Priore (1990) explica que a partir do Concílio de Trento (1545-1563), que reafirma os dogmas da Igreja Católica, as mulheres passaram por uma política ainda mais intensa de adestramento sexual.

⁵² A temática do casamento será minuciosa no desenvolvimento do terceiro capítulo desta dissertação.

⁵³ O seu desejo relacionado à Ximeno, o mouro, caracteriza uma das principais características desse enredo: A personagem Oribela está inserida num contexto barroco na qual se apresenta uma dualidade e contradição em relação a ela própria e seus desejos.

⁵⁴ A contradição aqui está relacionada à uma cultura que, segundo Maravall (1975) em sua obra *Cultura do barroco: Análise de uma estrutura histórica*, reforça as superstições em suas formas místicas, onde formam-se formas irracionais de crenças religiosas, políticas e físicas.

⁵⁵ Que já foram incorporados da Metrópole.

Todo esse discurso era, principalmente, assegurado pela Igreja Católica, que fazia as vezes de mantenedora da ordem colonial. Por isso, é inegável que aquela sociedade permeava em âmbitos religiosos, que já vinham sendo reforçados desde a metrópole. Oribela representa bem essa dominação, no fragmento: “Quantos iam ficar no Brasil? Os que fossem ficar submetessem suas vidas a Deus, sua alma aos padres, sua sorte ao vento e suas mercancias ao governador. No que uns riram e outros fizeram o sinal da cruz. (p. 48)

Mary Del Priore na segunda obra estudada para construção deste capítulo, *Mulheres no Brasil Colonial* (2003), também discute sobre as mesmas temáticas elucidadas em sua obra citada anteriormente, porém, aqui vamos nos ater às sucessivas formas de resistências que essas mulheres representaram nesse contexto.

A autora também traça o perfil dessas mulheres que vieram com o intuito de colonizar e povoar a Ilha de Vera Cruz. Segundo Priore (2003) eram “de origem humilde, viviam de suas costuras, de seu comércio, de sua horta e lavouras, faziam pão, fiavam sedas, lavavam e tingiam panos, se prostituíam” (p. 14).

Isso sem contar as órfãs, como era o caso de Oribela, que foram com o objetivo de desposar a fim de mudar suas realidades. Mesmo as mulheres mais humildes não devem ser vistas, porém, como passivas. De seu modo, elas resistiram àquela sociedade opressora. Oribela, por exemplo, demonstra seu descontentamento ao conhecer seu futuro marido, Francisco de Albuquerque:

E que não fazia mal ser eu tão cheia de diversas opiniões e bravezas, minhas vistas eram tão admiráveis quanto as estrelas do céu e saberia ele se fazer obedecer com reverência e acatamento à sua humilde pessoa, não fazia mal ter perdido eu pai e mãe nos impetuosos ventos do destino o qual com sua fúria havia feito em mim a execução de sua mão poderosa. Reparasse o homem na formosura de minha feição, na suavidade mulheril e esquecesse da rebeldia, tudo o mais era infalível. O homem me veio a mirar e no rosto lhe cuspi. (MIRANDA, 1996, p. 56)

Por isso, pensando na construção do medo da figura da mulher que provém da Idade Média e chega até a Idade Moderna, e compreendendo as formas de resistência que essas mulheres conseguem ter na sociedade colonial, esse capítulo foi composto, tomando como base Jean Delumeau, Silvia Federici e Mary Del Priore e o romance histórico *Desmundo*, para demonstrar que essas mulheres foram

silenciadas, devido à um processo de longa data, induzido principalmente pela Igreja Católica.

3.1. A CONSTRUÇÃO DO MEDO COLETIVO SOB A FIGURA DA MULHER NA IDADE MÉDIA E IDADE MODERNA

Visando abordar a problemática da figura da mulher enquanto imagem demoníaca, esse estudo configurou-se, principalmente, no estudo e análise de duas obras que dissertam acerca do assunto: *História do medo no Ocidente: Uma cidade sitiada (1300-1800)* (2009), de Jean Delumeau e *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), da filósofa italiana Silvia Federici.

Compreender o porquê da mulher ter sido, por séculos, demonizada, é de valor imprescindível para a compreensão da silenciação das mesmas em relação à historiografia. Por isso, devemos nos ater à primeira consideração dessa problemática: O medo da figura da mulher, seguido de sua desigualdade em relação ao homem pode ser explicado se analisarmos, nesse sentido, a transição do medievo para a modernidade e o advento do capitalismo.

Para tanto, Silvia Federici (2017) contempla essa transição de forma que possamos provar o protagonismo das mulheres na História e sua eventual libertação, podendo então afirmar que essas mulheres demonstraram atos de resistência variadas, sendo elas individuais ou coletivas.

A análise de Federici (2017) nos mostra uma forma inovadora no que se concerne o estudo da História das mulheres de forma geral, atrelando a mesma à formação do capitalismo, que a autora utiliza o termo *acumulação primitiva*⁵⁶, repensando formas de contar uma história ocultada pela História oficial. A História das mulheres nesse processo torna-se, na realidade, História da luta de classes, partindo do princípio que foi construído um estigma na imagem dessa mulher que teria destino essencialmente biológico⁵⁷.

Para compreendermos como essas mulheres foram, de fato, excluídas da História, é preciso entender a sociedade e principalmente, o papel da Igreja. Federici (2017) utilizando como base o estudo *A serpente e a deusa*, de Mary

⁵⁶ É o termo utilizado por Marx no tomo de *Capital I* para caracterizar o processo político no qual se reafirma as relações capitalistas.

⁵⁷ Veremos que essa mulher nos trópicos será relegada unicamente para a reprodução e construção de famílias.

Condrem, afirma que já era uma preocupação da igreja o controle da sexualidade, principalmente em face ao poder que a mulher exercia sobre o homem nessa área⁵⁸. Por isso, foram instituídas algumas medidas para ainda mais afastar essas mulheres de uma posição de “poder⁵⁹”.

Expulsar as mulheres de qualquer momento da liturgia e do ministério dos sacramentos; tentar roubar os poderes mágicos das mulheres de dar vida ao adotar trajes femininos; e fazer da sexualidade um objeto de vergonha - esses foram os meios pelos quais uma casta patriarcal tentou quebrar o poder das mulheres e de sua atração erótica. (p. 80)

Cresce, no entanto, nessa sociedade, uma espécie de *catecismo sexual*, tendo regras para o ato sexual envolvendo as posições permitidas durante o sexo, os dias que se podia fazer o ato e até com quem. Com o passar dos séculos, o ato sexual passa de um assunto clerical para ser um assunto Estadista, pois a Igreja Católica passa a punir aqueles que não seguiam os dogmas católicos⁶⁰

[...] já no século XII, podemos ver a Igreja não somente espiando os dormitórios de seu rebanho, como também fazendo da sexualidade uma questão de Estado. As escolhas sexuais não ortodoxas dos hereges também devem ser vistas, portanto, como uma postura antiautoritária, uma tentativa de arrancar seus corpos das garras do clero. (FEDERICI, 2017, p. 82)

No entanto, segundo Silvia Federici (2017), nas ditas *seitas heréticas*, as mulheres eram vistas como iguais⁶¹ aos homens. Essas mulheres de seitas heréticas tinham papéis importantes nessa sociedade e tinham até possibilidade de uma vida social. Teriam, como exemplo, “direito de ministrar os sacramentos, de pregar, de batizar e até mesmo de alcançar ordens sacerdotais.” (p. 83).

Essas mulheres tinham papéis tão significativos nas comunidades heréticas, que tinham a possibilidade de até formar suas próprias comunidades exclusivamente de mulheres⁶², provando assim a importância que elas

⁵⁸ Essa preocupação configura-se enquanto um “problema” de longa duração. Federici (2017) afirma que desde que o cristianismo se tornou a religião oficial já existia essa preocupação - século IV).

⁵⁹ A palavra *poder* está relacionada ao fato de que essas mulheres foram, ao passar dos anos, deslegitimadas e proibidas de realizarem certas coisas, como o próprio ato sexual.

⁶⁰ Chamados, por esse motivo, de hereges.

⁶¹ Para a Igreja Católica, as mulheres eram consideradas como nada. Por isso, se torna importante salientar que, durante a Idade Média, de uma forma mais generalizada, as mulheres não tinham possibilidade de desfrutar dos mesmos direitos dos homens. Em face disso, Federici (2017) considera que possivelmente, os movimentos heréticos seriam os únicos locais onde a mulher tinha poder de fato neste recorte temporal.

⁶² Federici (2017) assinala o exemplo das *beguinhas*, que mantinham seus trabalhos fora do controle masculino. Geralmente, localizavam-se na Alemanha e na região de Flandres.

representavam num modo geral para formação de uma contradição ao que acontecia na Europa medieval.

Não bastou muito para a imagem dos movimentos heréticos se tornar a da mulher. Exemplificando isso, Federici (2017) cita as regiões de França e Itália, onde as movimentações relacionadas à heresia eram encabeçadas por mulheres. As mesmas encontram-se nos escritos da Inquisição, sendo queimadas e até emparedadas⁶³.

As mulheres, neste sentido, foram as que mais sofreram, pois havia um especial empenho da parte do Estado, em controlar o poder que as mesmas representavam. Havia, além da razão óbvia, uma série de motivações para o controle dessas mulheres, como aponta Federici (2017):

[...] devemos incluir a crescente privatização da propriedade e as relações econômicas que, dentro da burguesia, geraram uma nova ansiedade com relação à paternidade e à conduta das mulheres. (p. 170)

Além desta, havia uma preocupação em relação às mulheres de classes baixas que, na maioria das vezes, eram as possíveis desordeiras e bruxas. Quando pensamos, por exemplo, na personagem Oribela, ela seria um perfil perfeito para uma possível bruxa. A mesma, em diversas partes do enredo, se enxerga enquanto símbolo demoníaco

[...] ia deitar numa cama sem me importar se era dia santo ou domingo e ao acordar comer chorizos de sangue, depois de estômago cheio rezar pois, dissera meu pai, na hora do batismo encostaram em minha testa uma cruz e eu gritara muito, prova de haver coisa em mim. (MIRANDA, 1996, p. 12)

Porém, mesmo a mulher sendo rotulada com um caráter maligno, ela ainda era necessária para a configuração das sociedades, por conta da procriação. O mercantilismo, nesse sentido, acelerou esse processo em relação à povoação das colônias americanas, em especial atenção para a América Portuguesa.

As mulheres pobres, órfãs, viúvas e consideradas bruxas, eram transportadas para as colônias, com o intuito de povoar esses novos locais. Nisso emerge a ideia de *Desmundo*⁶⁴, pois aquela parte da população que iria para os

⁶³ Esse termo refere-se à uma das formas de punição mais terríveis, onde o herege em questão era enterrado vivo e deixado à míngua para morrer sufocado. Na Idade Média, essa punição era praticada principalmente para aqueles que fossem considerados hereges.

⁶⁴ O léxico da palavra tem relação com o “não” mundo civilizado que Oribela encontra na Ilha de Vera Cruz, pois a mesma é oprimida por um casamento e uma sociedade que trata a mulher enquanto ser não pensante, o que a faz sofrer incessantemente, procurando refúgio nos braços de Ximeno, o mouro, aquele que para essa sociedade era abominado, devido à um medo coletivo que Jean Delumeau (1978) define também como diabólica.

trópicos era uma parte da sociedade que a Europa queria eliminar, fazendo destes os povoadores iniciais das colônias. Para Federici, "foi essa classe mercantilista que inventou as casas de trabalho, perseguiu os vagabundos, transportou os "criminosos" às colônias americanas e investiu no tráfico de escravos, sempre afirmando a "utilidade da pobreza" e declarando que o "ócio" era uma praga social. (2017, p. 173)

Mesmo com o caráter de precisar povoar essas populações e do importante papel que as mulheres exerciam, essa política de incentivo ao crescimento populacional, ao mesmo tempo, resultou numa verdadeira guerra contra as mulheres, com o objetivo claro e evidente de retirar o controle dos corpos das mulheres, além do controle de suas sexualidades.

Nesse sentido, quando se pensa na acumulação primitiva, Marx não contempla como as mulheres foram utilizadas enquanto acumulação de trabalho, visto que o papel no qual o Estado incubiu as mulheres foi o de procriação e formação de família. Silvia Federici (2017) afirma que o "Estado privou-as da condição fundamental de sua integridade física e psicológica, degradando a maternidade à condição de trabalho forçado, além de confinar as mulheres à atividade reprodutiva de um modo desconhecido por sociedades anteriores." (p. 182)

Isso também se tornou regra nos trópicos. A intenção de se mandar órfãs para a América Portuguesa, além de povoar o local, tinha como objetivo fazer com que as mesmas constituíssem família com os homens, visando principalmente a concepção de crianças e o futuro povoamento do local, além de se conceder um caráter não pecaminoso⁶⁵ nessas relações: "Apenas mulheres, órfãs, pobres, mas tratadas como as italianas, as de pura pele e claros olhos e sem buços, que cheiravam como flores e brilhavam como o raio de sol, rainhas do purgatório, deusas dos infernos, cassetras dos desterrados, flores de deserto." (MIRANDA, 1996, p. 42)

Porém, havia um padrão que essas mulheres deveriam seguir para serem consideradas úteis nessa sociedade: aquela que fosse uma boa esposa, passiva, obediente e, principalmente, de poucas palavras. A mulher deveria, portanto,

⁶⁵ Um dos objetivos de trazer as órfãs para a América Portuguesa era também afastar os homens da fornicção com as intituladas na obra de Ana Miranda (1996) de *naturais*. Esta relação pode ser percebida principalmente no prefácio do livro, onde está presente a carta do padre Manoel de Nóbrega para o rei de Portugal, em 1552. (p. 9)

preocupar-se em respeitar seu marido e procriar. Qualquer mulher que fugisse a esses padrões era considerada subversiva.

É nesse contexto, que, analisando a personagem de Oribela, podemos afirmar que, por vezes, ela não se encaixava no padrão de feminilidade perfeita, pois não aceitava a situação em que se encontrava. Pode-se ter uma ideia disso durante a narração de *Desmundo* (1996), em que Oribela demonstra seu descontentamento e grande tristeza, principalmente após seu casamento:

Levou-me Francisco de Albuquerque para dentro de uma casa pequena parecendo desabitada, só com os aparelhos de montarias e umas armas de fogo pelas paredes de barro, coberta de palha, uma fogueira apagada, uma panela e restos de comida. Umhas vacas na sala. Para deitar, um monte de feno, mas a mim foi segurando Francisco de Albuquerque e derrubando. É acaso a leoa mais mansa que o leão? E lhe dei uma bofetada no rosto que fez ele sem pensar uns modos de como se fosse quebrar minha caveira, que me fez tremer as carnes [...] (MIRANDA, 1996, p. 76)

Por não aceitar a condição de ser submissa num matrimônio que a mesma não desejava, isso a tornava uma mulher subversiva aos olhos de seu marido. O homem, dentro do casamento, tinha que demonstrar força e controle da situação e se preciso, utilizava da força masculina para demonstrar o “lugar” da mulher: o lugar do silêncio, da obediência e da passividade.

Pensando nisso, havia formas de exemplificar essa mulher que era subversiva. Delumeau (2009) disserta acerca do medo construído na imagem da mulher, podendo assim afirmar que, na Idade Moderna, perdurou a consciência coletiva de que a mulher representava um perigo à sociedade, e, por isso, deveria ser controlada. O controle era mediado principalmente pela Igreja Católica, que foi a grande responsável pela disseminação de mitos acerca da própria fisiologia da mulher, como o exemplo da *vagina dentada*⁶⁶.

Federici (2017) também recorre para os mitos que cerceavam a figura da mulher enquanto diabólica e também uma possível agente de Satã⁶⁷. Segundo a autora, “supostamente, uma bruxa podia castrar os homens ou deixá-los impotentes, seja por meio do congelamento de suas forças geradoras ou fazendo com que um pênis se levantasse e caísse segundo sua vontade” (p. 338).

⁶⁶ Tal mito insere à mentalidade coletiva o medo de atos sexuais com uma mulher, pois a *vagina dentada* poderia, na maioria dos casos, castrar o homem.

⁶⁷ Termo este definido por Jean Delumeau em *História do medo no ocidente: Uma cidade sitiada (1300-1800)*, de 1978.

Jean Delumeau atenta principalmente para os usos e abusos da Igreja Católica em relação à deslegitimação da mulher enquanto ser humano igual ao homem, utilizando principalmente algumas passagens bíblicas que foram “abusadas” fervorosamente pela Igreja.

Nas passagens, pode-se perceber como a mulher era associada a pessoas marginalizadas. Em *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, tem-se uma ideia disso quando se é citado que Jesus concedeu “um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres quanto aos leprosos” (p. 153).

Esses discursos ganharam ainda mais força nesse período dos séculos XIV até o XVIII, reforçando o medo nas mentalidades dessa sociedade, que afetará diretamente as “futuras” sociedades nos trópicos. Para que esse discurso fosse ainda mais assegurado, foram utilizados, além do discurso teológico, outras formas de discursos “oficiais”, como o científico e o jurídico.

O discurso teológico era aquele que concedia às mulheres certas “características” que eram comuns às mesmas. Teólogos como Del Rio⁶⁸ definiam as mulheres como: briguentas, faladoras, vagabundas, voluptuosas, encabeçadas pela luxúria e avareza.

Também é utilizado por Delumeau (2009) o teólogo Benedicti, que buscou estudar o que significava cada letra da palavra *MVLIER*. Com isso, ele conclui que: “M: a mulher má é o mal dos males; V: a vaidade das vaidades; L: a luxúria das luxúrias; I: a ira das iras; E [em alusão às Erínias⁶⁹]: a fúria das fúrias; R: a ruína dos reinos” (BENEDICTI, 1584 *apud* DELUMEAU, 2009, p. 490). Pode-se atestar, portanto, que a imagem da mulher estava sendo definida como algo diabólico que deve ser temido e, por isso, controlar esse ser maligno seria o papel dos homens.

No que diz respeito ao discurso científico, a imagem da mulher aparece frequentemente sendo definida como lasciva, desobediente, indiscreta e curiosa. Porém, como já citado por Federici (2017), existiam também as chamadas “mulheres sérias”, que seriam justamente as mulheres submissas a seus maridos.

Inicialmente, Delumeau (2009) utiliza como base os escritos de Rabelais⁷⁰ para definir a imagem da mulher segundo a ciência médica. Em suas obras, no

⁶⁸ Era um teólogo jesuíta holandês da ordem religiosa Companhia de Jesus, que tinha como objetivo principal catequizar os colonos americanos.

⁶⁹ Na mitologia grega, essas eram as personificações da fúria, que puniam especificamente os mortais.

⁷⁰ Foi um escritor, monge e médico francês.

entanto, é descrita uma espécie de mulher devota a seu marido, e não deve ser rebelde. Posterior a isso também, podemos citar Jean Wier, também médico, que define a mulher como ser de temperamento melancólico, frágil, débil, enferma, mole e imbecil.

Todos esses escritos, motivados também pelo medo da figura da mulher enquanto agente direto de Satã, colocou as mesmas em parâmetros nos quais nenhum ser humano deveria ser inserido. Utilizando-se de justificativas infundadas, a ciência médica, encabeçada por homens médicos, procurava incessantemente explicações para afastar as mulheres de toda e qualquer capacidade de serem consideradas enquanto iguais na sociedade.

Ambroise Paré⁷¹ também utiliza de teorias que justifiquem que a mulher deve se submeter ao homem utilizando a ciência médica, em deduções como a justificativa dos órgãos sexuais masculinos serem externos e os femininos, internos, onde são consideradas imbecis, pois “não pôde expelir e lançar fora as ditas partes, como no homem”. (PARÉ, 1969 *apud* DELUMEAU, 2009, p. 496).

E, por último, o discurso dos juristas. Estes, em certo grau, fechavam o trio das autoridades oficiais mais importantes da Idade Moderna que moldavam o ideal de que a mulher seria um ser inferior. Utilizando-se de leis antigas, citações de filósofos como Aristóteles, estas mulheres foram definidas como inconfiáveis, faladoras, ciumentas, levianas e adjetivos afins. Richelieu, político francês, afirma que:

É preciso reconhecer que, como uma mulher perdeu o mundo, nada é mais capaz de prejudicar os Estados que esse sexo, quando, ganhando domínio sobre aqueles que os governam, ele os faz muitas vezes mover-se como bem lhe parece e mal, em consequência, sendo os melhores pensamentos das mulheres quase sempre maus naquelas que se conduzem por suas paixões comumente fazem papel de razão em seu espírito. (RICHELIEU, 1947 *apud* DELUMEAU, 2009)

Por isso, a mulher tinha como imagem, tanto para os homens, quanto para elas próprias, a pior ideia possível de ser humano, sendo por vezes considerada até menos importante, e muito perigosa.

Estes discursos tinham por objetivo tirar qualquer vontade de poder que a mulher demonstrasse. Não somente utilizando desses recursos oficiais, no que se

⁷¹ Cirurgião francês.

concerne à literatura e iconografia da época, a mulher também era demonizada e desvalorizada.

Esse ideal que corria por toda a Europa, no entanto, torna-se praticamente mundial com o advento do mercantilismo, onde a América se torna uma “continuação⁷²” de valores morais e cristãos, tendo como espelho a metrópole.

3.2. AS MULHERES E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA NA AMÉRICA PORTUGUESA, PERSONIFICADAS PELA PERSONAGEM ORIBELA

A mulher que está inserida no período colonial, representa uma gama de interpretações sobre várias questões pertinentes na historiografia. Historicamente falando, o ponto crucial que a mesma se insere é essencial para compreensão de problemas sociais na atualidade.

Esta mulher representa, antes de tudo, formas de resistência pois estão inseridas em um recorte temporal no qual Estado, Igreja, Medicina e Direito⁷³, tentam a todo custo, silenciá-las e demonizá-las, como já foi explicitado anteriormente.

No entanto, compreender essa mulher, que traz consigo as marcas da transição do medievo para modernidade, além da presença do estilo artístico e literário barroco, e como ela foi relegada a um mero papel de procriação e casamento, se torna de importante caráter para conhecimento da academia e enriquecimento na História das mulheres no Brasil.

Por isso, a historiadora brasileira Mary Del Priore nos contempla com duas obras que merecem especial atenção: *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (1990) e *Mulheres no Brasil Colonial* (2003), que ajudam a perceber como essa mulher vivia e quais suas possíveis formas de resistência rente à um Estado que as mantém presas a figuras que não as representa de fato⁷⁴.

⁷² Vale ressaltar que os valores de sociedade moral e cristã, no caso do Brasil, torna-se de importante entendimento para formação de uma sociedade que segue os moldes europeus. Por isso, o casamento foi introduzido logo no início da colonização, para fins não somente de controle dos corpos das mulheres, mas também para manter a ordem colonial.

⁷³ Que são áreas, nesse período histórico, unicamente pertencentes aos homens ricos.

⁷⁴ Exemplificando, a mulher sendo vista como subversiva, imbecil, incapaz de ser comparada aos homens.

Inicialmente, deve-se tomar como base a seguinte afirmação: Que a vida nos trópicos tem como exemplo principal, a vida na metrópole. Por isso, costumes, crenças e hábitos que existiam, por exemplo, em Portugal, perdurariam para construção da sociedade brasileira nos trópicos.

Personificadas em Oribela, essas mulheres vinham à colônia, dentro deste recorte temporal, povoar a nova colônia portuguesa. Com isso, tinham inicialmente especial trabalho: Reproduzir modelos já implantados em Portugal. No caso de Oribela, por ser órfã, parte ainda mais desvalorizadas das mulheres, veio ao Brasil com o intuito de desposar e formar famílias nesse (des)mundo, com a esperança de uma vida melhor:

Aquele era o meu destino, não poder demandar de minha sorte, ser lançada por baías, golfos, ilhas até o fim do mundo, que para mim parecia o começo de tudo, era a distância, a manhã, a noite, o tempo que passava e não passava, a viagem infernal feita dos olhos das outras órfãs que me viam e descobriam, de meus enjoos, das náuseas alheias, da cor do mar e seu mistério maior que o mundo. (MIRANDA, 1996, p. 15)

As mulheres passaram, segundo Mary Del Priore (1990), por um período de adestramento social que foi iniciado na Europa e se perpetua nos trópicos. Para tanto, esse adestramento segurava-se em dois sustentáculos: Em primeiro lugar, no discurso de que os ideais comportamentais da metrópole devem se estender para os trópicos. Isso implica afirmar que, existiam comportamentos que eram repudiados e considerados pecaminosos, como por exemplo o ato sexual fora do casamento.

O segundo discurso é o chamado também de físico, aquele que diz respeito ao funcionamento do corpo feminino, que ditava que a mulher foi feita para procriar e essa seria sua funcionalidade na sociedade emergente. Juntos, esses discursos desempenharam o papel de domesticar populações femininas. Porém, é incorreto afirmar que essas mulheres não representaram resistências, de seu modo.

A importação da metrópole de um discurso moralizador, sobre o uso dos corpos, instala-se na Terra de Santa Cruz de par com o desejo de cristianização e difusão da fé católica, bem como a ânsia do sistema mercantil de constituir contingentes populacionais que habitassem novas terras. (PRIORE, 2003, p. 21-22)

Com isso, a sociedade que se forma tem caráter normativo de controlar os corpos dessas mulheres, bem como seu destino, pois o casamento era incentivado

tanto pela igreja, quanto pelo Estado, como forma de oprimir essas mulheres, prezando principalmente pela manutenção da ordem colonial.

Nesse sentido, assim como a transição do medievo para modernidade, a Igreja Católica era a instituição mais importante da colônia, pois era ela quem, segundo Mary Del Priore (1990) “regulamentava o cotidiano das pessoas pela orientação ética, pela catequese, pela educação, pelo ritmo semanal recortado pelo domingo e pelo calendário anual [...]” (p. 24). Tão forte era essa cultura que a Igreja se tornou, com o passar das décadas, um vigilante das vidas privadas⁷⁵.

Rente a isso, cria-se um discurso médico que também é reforçado nesta sociedade, afirmando que a mulher nasceu com o sentido básico da procriação e, por isso, deve exercer seu papel no casamento. A medicina do período colonial, segundo Mary Del Priore (1990), era composta pelo imaginário. Cabia, portanto, à medicina, afirmar que a mulher precisaria cometer o ato sexual em detrimento somente da procriação, nunca pelo prazer.

Oribela, nesse sentido, é uma mulher que vem aos trópicos com um objetivo claro e evidente destacado na trama: desposar e formar família, futuramente dando frutos dessa relação com o objetivo de povoar a América Portuguesa. Existem vestígios no enredo que demonstram como essa sociedade “obriga” as mulheres a seguirem esse padrão, caso contrário serão punidas pela Igreja com sanções morais e monetárias: “Por tua obrigação de amor maternal que te a natureza obriga, sendo tu a minha própria mãe que me pariu, eu te peço de coração que nesse cabo do mundo receba minha esposa pela lei de Deus, como se tua filha de ti nascida e a quem deste teu leite e conserves comigo a nossa amizade.” (MIRANDA, 1996, p. 97)

Na citação acima, Francisco de Albuquerque fala com sua mãe sobre Oribela. Percebe-se em suas palavras que ele é um repetidor da sociedade em que vive, concedendo a mulher um caráter obrigatório em ser mãe e formar famílias. Ainda mais, essa mulher deveria sempre ser obediente e submissa a seu marido, pois o mesmo tinha por objetivo controlar a mesma, tendo direito de cometer castigos físicos a mesma. Mary Del Priore (2003) nos contempla com uma citação de Manuel de Arceniaga⁷⁶, que afirma que a mulher

⁷⁵ A Igreja exercia papel de Estado, sempre com o objetivo de controlar a sociedade emergente para não cair em caminhos pecaminosos.

⁷⁶ Jesuíta que analisava como deveria ser a conduta de uma “mulher séria”.

Deve estar sujeita a seu marido. Deve reverenciar-lhe, querer-lhe e obsequiar-lhe. Deve inclinar-se ao séquito de virtude e com seu exemplo e paciência ganhá-lo para Deus. Não deve fazer coisa alguma sem seu conselho. Deve abster-se de pompas e gastos supérfluos e usar de vestido honesto conforme seu estado e condição de cristã. (ARCENIAGA *apud* PRIORE, 2003, p. 25)

Quando analisamos essa mulher no período colonial é possível afirmar que as mesmas estão inseridas num quadro social e mental que, mesmo pela distância, acompanha as transformações do Velho Mundo. Por isso, quando analisamos Oribela, é possível encontrar em suas falas, grandes vestígios do barroco, onde há uma enorme presença das contradições e dualidades que Oribela sentia nesse (des)mundo:

E se arrasaram meus olhos d'água, com as mãos alevantadas para o céu, com tantos soluços quase não podia falar. Santa e misericordiosa senhora, peço-vos muito que não cerreis as orelhas neste pequeno arrazoado que vos quero falar, ainda que sou órfã, todavia por ser mulher honesta me deveis de ter algum ouvido, pondo piedosamente os olhos em meu desamparo. Sei que sou um charco de água turva, em minha natureza continuamente moram desvarios, como agora vim dar nesta terra, por caridade da rainha, foi ter com Deus meu pai há muitos anos, com os olhos turvos de odiar, pelo morrer a mãe por minha culpa, como morreu, causa das desgraças de suas vidas de amores fora eu mas venho agora pedir com lágrimas, em nome da piedosa rainha, amparo e escudo de minha orfandade, me quiséssemos valer e socorrer em meu estorvo e minha angústia e me liberteis de casar, senhora, por muito mercê, porque tamanho mal fazeis, vede, que grande labirinto sou, não sirvo a homem algum, triste é meu peito pisado de coices, que me rugem as tripas de noite e sonho com fogo. (MIRANDA, 1996, p. 60)

Por isso, Oribela demonstra, do seu jeito, várias formas de resistência ao sistema social opressor que estava inserido. Seja cuspiendo em Francisco de Albuquerque, resistindo ao casamento e os desmandos de seu marido ou até não aceitando de primeira que irá casar, Oribela torna-se um importante objeto de estudo para compôr a historiografia brasileira no que se concerne à História das mulheres.

Rente a isso, o casamento também se torna importante objeto de estudo, que compõe o terceiro capítulo desta obra. Tal ato era perpetuado pela Igreja Católica

com o objetivo de privar as mulheres de dominarem seus próprios corpos, relegando a mesma para um papel submisso em relação a seu marido.

4. OS VÁRIOS (DES)MUNDOS QUE ORIBELA ENCONTRA NA AMÉRICA: CASAMENTO E OPRESSÃO NA COLÔNIA

O casamento é uma instituição essencialmente europeia que foi trazida para o Brasil, inicialmente como uma forma de povoar a nova colônia portuguesa e, também como forma de fazer com que os colonos se controlem da libidinagem⁷⁷ - pois, como na própria obra *Desmundo* é relatada, os portugueses estavam entrando em relações “não-oficiais” com nativas da terra.

Além do fator puramente religioso, tinha-se também o interesse de se evitar a mestiçagem dessa população de colonos e, por isso, o (des)mundo deveria ter a presença de mais pessoas brancas, principalmente do sexo feminino, pois a mulher tinha essencial papel de procriação.

É nesse sentido que o romance histórico de Ana Miranda descreve o período histórico da colônia brasileira e a vinda da personagem Oribela aos trópicos: Órfãs sendo enviadas para desposar-se, a fim de transformar suas vidas e, o objetivo essencial para Estado e Igreja, respectivamente: Povoar a América Portuguesa com brancos, retirando os considerados degredados⁷⁸ da sociedade portuguesa e afastar os homens dos possíveis pecados presentes ali.

Como nesses primeiros anos da colonização portuguesa no Brasil, não havia muitas mulheres, e sim homens, a presença de mulheres brancas e europeias foi se tornando essencial⁷⁹. Em *Desmundo*, a autora Ana Miranda usa, à guisa de epígrafe, um recurso muito interessante que embasa historicamente sua criação ficcional: a carta do Padre Manoel de Nóbrega, que suplica ao rei D. João para que se traga mulheres para a Ilha de Vera Cruz:

Já que escrevi a Vossa Alteza falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e se não houver muitas, venham de mistura dellas e quaesquer, porque são

⁷⁷ Isto é, o ato sexual fora dos padrões aceitos pela Igreja Católica, que tinha como principal ideia instituir o sexo apenas para fins de procriação. Como já citado no Capítulo 2 desta dissertação, eram permitidas relações sexuais dentro do casamento, com o objetivo de procriação, em posições e lugares adequados para o mesmo. Ver Federici (2017, p. 81)

⁷⁸ Como já citado anteriormente, refere-se aqueles que não interessam à Portugal: Ladrões, vagabundos, órfãs, viúvas, prostitutas e afins.

⁷⁹ Importante salientar que neste período histórico (século XVI) era incentivado, na colônia portuguesa, o matrimônio de pessoas brancas. Por isso, essa monografia trata de compreender que, no caso da personagem Oribela, o casamento com Francisco de Albuquerque significava um algoz em sua vida. Porém, existem uma multiplicidade de sentidos do casamento, que serão brevemente conhecidos nesta monografia.

tão desejadas as mulheres brancas, cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do pecado. (apud MIRANDA, 1996, p. 7)

Mary Del Priore nos contempla em sua obra *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia* (1990) que a mulher tinha por objetivo principal no casamento impedir que o homens se entregassem ao desejo mundano e praticassem o ato sexual dentro do casamento, apenas pela procriação e não pelo prazer. Nisso, o casamento não acontecia pelo amor, e sim pelo chamado *débito conjugal*⁸⁰: “na visão da igreja, não era por amor que os cônjuges deviam unir-se, mas sim por dever: para pagar o débito conjugal, procriar e finalmente lutar contra a tentação do adultério. (1990, p. 113)

Porém, assim como Silvia Federici em sua obra *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), falar de História das mulheres é falar também da luta de classes. Sabemos que as mulheres de um modo geral eram oprimidas e diminuídas apenas ao papel procriativo porém, devemos levar em consideração também a condição das mulheres marginalizadas, como as próprias órfãs, personificadas em Oribela.

As mulheres pobres, desamparadas socialmente, são ainda mais vulneráveis a esse processo. Estas, são ainda mais exploradas sexualmente, desprezadas e inferiorizadas a um papel que visa cuidar da casa, do marido e dos futuros filhos. Nesse caso, Oribela insere-se nesse perfil, pois a mesma é órfã que é mandada aos trópicos com a missão específica de casar-se, a fim de transformar sua vida e manter seu futuro marido longe dos pecados lascivos que este (des)mundo poderia oferecer.

Porém, como já é de conhecimento geral, isso não acontecia. O que se passava na América Portuguesa é que estes homens, mesmo casados, não renunciaram os prazeres da carne e cometiam libidinagem, ou seja, relação sexual com foco no prazer e fora do casamento:

Passando uns dias lhe pedi liberdade, mas disse ele, liberdade em mim era espada na mão de menino e ali fiquei no catre, sem Francisco de Albuquerque me visitar de dia nem de noite, que se deitava com as naturais e as fornicava à minha vista, como para humilhar, mas a um modo de

⁸⁰ É o compromisso sexual de um cônjuge com o outro, neste sentido, principalmente a mulher. Tal código vem em forma de herança da Europa medieval para os trópicos.

cachorros, em joelhos. Fosse para dar ciúmes, nem se perdesse nisso, de mim não teria mais que a raiva. (MIRANDA, 1996, p. 113)

Com isso, pode-se afirmar que a tentativa da Igreja em afastar os homens do pecado com o advento do casamento tornava-se falha, pois o homem sentia-se no direito de cometer o pecado da traição para satisfazer seu prazer⁸¹. Ao mesmo tempo, a citação acima nos faz refletir: As mulheres inseridas na realidade do casamento, em sua maioria, não estavam contentes, pois por muitas vezes, eram maltratadas por seus maridos.

Para tanto, foram utilizadas para compôr o último capítulo dessa dissertação nomes importantíssimos como Ronaldo Vainfas, em suas obras *Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil* (2017) e *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão* (1986), além de Laura de Mello e Souza, com sua obra *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial* (2009) e sua coletânea com Fernando Novais (1997), *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, para abordar a questão dos casamentos na colônia portuguesa.

No tocante à vida privada na Europa, foi utilizada a obra de Robert Chartier (2009), *História da vida privada: Da renascença ao século das luzes*, com o objetivo de elucidar possíveis questões acerca da vida privada na Europa e como, por conseguinte, isso pode ser utilizado como espelho para a sociedade emergente nos trópicos.

Para compreensão da situação destas mulheres enquanto agentes de suas próprias narrativas, mais uma vez personificadas por Oribela, foram utilizadas leituras de apoio como Carla Pinsky e Joana Maria Pedro com sua obra *Nova História das mulheres no Brasil* (2013), além de outras obras já utilizadas no capítulo anterior⁸².

Por isso podemos afirmar que é compreensível que o casamento seja uma instituição que precisa ser ordenada na América Portuguesa, na medida em que apoia a manutenção da ordem colonial e da ordem patriarcal. Além disso, a Igreja Católica passa a se fazer cada vez mais presente na vida dos colonos no Brasil,

⁸¹ Nesse sentido, os homens tinham muito mais liberdade para atos libidinosos do que as mulheres, atestando assim a sociedade opressora em relação às mulheres.

⁸² Por vezes foram utilizados também os conhecimentos de Silvia Federici (2017), para elucidar questões acerca da História das mulheres neste processo.

como uma forma de controlar a sociedade que estava, a seus olhos, vivendo e morrendo no pecado.

4.1 O VALOR DO CASAMENTO NA SOCIEDADE DO SÉCULO XVI

Desde que se inaugura, em meados do século XVI, a colonização das terras portuguesas no continente americano, o governo metropolitano compreende que, a partir do momento que os portugueses fossem morar em um lugar onde não era tão forte a presença da Igreja Católica como Portugal, perdia-se muito de uma religião rotineira e comunitária⁸³.

Para tanto, a vinda de colonos para organizar e proteger a Ilha de Vera Cruz estava envolta de uma grande ambiguidade: Numa totalidade de homens, a igreja compreendia que, apenas até certo ponto, tais homens precisariam andar nos caminhos do pecado, tendo relações sexuais com os nativos e nativas da região. Pensando nisso, a necessidade de mandar mulheres para aquela região, se tornaria de excepcional importância para uma povoação “isenta de pecado” (mas também legítima, do ponto de vista social) da sociedade brasileira.

O que acontecia na colônia era o seguinte: havia a existência de atos sexuais datados antes da chegada das mulheres⁸⁴ enviadas para a América Portuguesa. Por isso, os chamados *filhos bastardos* existiam aos montes e havia, permeando a colônia, um clima de “intoxicação sexual”, que a Igreja Católica tinha conhecimento e buscava “purificar socialmente” com o recebimento do sacramento matrimonial.⁸⁵

Por isso, como forma de se fazer presente nessa primeira metade do século XVI, a igreja promovia o casamento cristão⁸⁶ como algo que formava a base social, sendo um princípio tido como simultaneamente sagrado e natural. Numa forma de

⁸³ Presente na obra *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, no capítulo pertencente à Luiz Mott, onde a religiosidade é posta como um importante componente da sociedade brasileira em emergência. (1997, p. 156)

⁸⁴ A carta que o padre Manoel de Nóbrega manda para o rei de Portugal data em 1552.

⁸⁵ Ronaldo Vainfas em sua obra *Trópicos dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil (2017)*, aponta algumas finalidades do casamento, como: A procriação e educação da prole, fidelidade nas coisas domésticas e comunhão espiritual dos cônjuges. Por isso, a ideia de “purificação social” era muito difundida, não somente no Brasil, como já era defendida em Portugal, o que de fato influenciou a instituição do casamento no Brasil.

⁸⁶ Mesmo num sentido do cristianismo ser extensivo aos indígenas, como a questão da catequização dos mesmos pelos padres jesuítas, o casamento nos anos iniciais da colonização brasileira era exclusivo para os colonos portugueses e mulheres também portuguesas. Com isso, pode-se afirmar que o casamento se tornava importante na vida colonial, mas que as outras parcelas marginalizadas da sociedade não estavam de fato inseridas nesse processo.

construir uma sociedade aos moldes europeus, o casamento foi instituído, principalmente, pelos padres jesuítas. Inicialmente, voltado para uma elite colonial.

No entanto, a questão matrimonial não pode ser compreendida enquanto conceito generalizado. Existiam várias formas de casamentos, sendo considerados opressivos ou não. No caso de *Desmundo* (1996) configurava-se para personagem Oribela, de uma forma ambígua: Em primeiro lugar, o casamento significaria um status social mais elevado para a mesma, que se encontrava em Portugal numa situação de vulnerabilidade social⁸⁷. Porém, no mesmo sentido, Oribela não desejava o matrimônio com Francisco de Albuquerque, demonstrando em várias passagens seu desprezo por tudo aquilo que acontecia com a mesma naquele (des)mundo.

O casamento na América Portuguesa nos anos iniciais da colonização, no entanto, se insere num ambiente cheio de interesses, e não justificado pelo amor. Na verdade, a história do casamento no cristianismo⁸⁸ está profundamente arraigada na questão de obrigação de procriação e, nas elites, de formação de linhagem, e não estava a favor do amor ou da satisfação sexual.

Contudo, não se pode afirmar que o casamento oficial, sacramentalizado na Igreja Católica, destruiu as relações extraconjugais por completo, tolerando-as nos casos de infidelidade masculina. No romance *Desmundo*, por exemplo, é visto como Francisco de Albuquerque, marido de Oribela, tinha relações extraconjugais com indígenas e isso torna-se frequente e inclusive na presença de Oribela⁸⁹.

De fato, a Igreja Católica conseguiu seu triunfo político e social, quando o casamento é posto como algo que relaciona, ao mesmo tempo, Estado e Igreja, pois essa junção era conveniente para que a ordem colonial fosse, de fato, mantida. Deve-se compreender também que, a Igreja Católica lutou, durante o século XV, por uma série de “provações”, como epidemias, guerras em solo cristão e afins. Por

⁸⁷ O termo vulnerabilidade é utilizado para elucidar sua questão social na qual se encontrava Oribela. A mesma era órfã criada num convento, e, para a sociedade portuguesa, era considerada uma degredada. Por isso, a concretização do casamento seria algo positivo para a mesma.

⁸⁸ Presente na obra *História da vida privada: Da renascença ao século das luzes*, no capítulo acerca das famílias e sua coabitação na Europa, onde o casamento constitui um importante princípio na sociedade europeia. (2009, p. 569). Nesse contexto, o casamento era visto como algo natural para os europeus, pois a influência da Igreja Católica na sociedade portuguesa era forte de tal modo, que Estado e Igreja estavam concomitantes uma à outra.

⁸⁹ Como anteriormente fora citado, Francisco de Albuquerque cometia atos libidinosos fora do casamento na frente de sua esposa, e nada “grave” o acontecia, pois o homem não era prejudicado nessas situações, na maioria das vezes.

isso, a ideia era fortalecer os ideais de sacramentos católicos no mundo inteiro, como batismo e casamento.⁹⁰

Sobretudo no século XV, a Igreja parece ter despertado para o que o principal historiador das Reformas denominou “lenda da Idade Média Cristã”; descobriu-se que o cotidiano da Republica Christiana corria alheio à lei de Deus, a piedade colorida pelo paganismo, os grandes momentos da vida, como o batismo, o casamento e a própria morte sofrendo pouquíssima intervenção do clero e regulados, antes de tudo, pelas culturas e tradições locais às quais a Igreja devia se adaptar. Descobriram-se [...] uma religião folclorizada, moralidades impudicas à luz dos mandamentos, e um clero paroquial não somente despreparado, mas integrado à vida da comunidade, cujo dia a dia só poderia indicar o triunfo absoluto do demônio na terra. A que atribuir tantas epidemias, [...] as guerras fratricidas em solo cristão, as resistências e os avanços dos infiéis [...] senão à fragilidade da Igreja ante os pecados dessa humanidade apóstata governada por Lúcifer? (VAINFAS, 2017, p. 33)

Compreende-se, no entanto, que quando falamos sobre casamento, Igreja e Estado protagonizam a cena. Esse certo domínio é advindo principalmente do medievo que consolidou a Igreja Católica como principal instituição e isso serviu de base para as novas sociedades na modernidade, no caso da América Portuguesa.

Pode-se perceber também que o casamento era uma instituição muito importante para a sociedade como um todo, mas, nesses primeiros anos de colonização, era uma instituição que visava principalmente a “elite⁹¹” colonial.

Então, aqueles colonos que conseguiam viver nos engenhos nordestinos, que vieram ao Brasil com o propósito de prosperar na colônia, tinham o casamento como algo de prestígio e importância, que assegurava sua posição de destaque na ordem social que se instaura.

⁹⁰ Ronaldo Vainfas, em sua obra *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão (1986)* traça uma delineada linha cronológica, desde antes do Império Romano até o século XVI, onde o casamento demonstra, numa sociedade que passou por extremos pontos “pecaminosos”, um local permitido dos atos sexuais, para uma legitimação do fim natural de procriação. Por isso, coito anal, masturbação, as chamadas “poluições orais” e relações homossexuais eram extremamente condenadas pela Igreja Católica. O autor António Manuel Hespanha também trata dessas questões em sua obra *Imbecilias: As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime (2010)*, trata do casamento nessa conjuntura como a instituição na qual a mulher é inferior ao homem, justificando a existência de um sistema paternalista e patriarcal.

⁹¹ Nesse caso, a elite compunha essencialmente os homens mandados pela coroa portuguesa para povoar o local. No romance histórico *Desmundo (1996)*, por exemplo, os homens que estavam no Brasil, estavam à mando da coroa portuguesa.

Porém, sabemos que algumas mulheres não se deram por satisfeitas nesta situação, demonstrando-se enquanto seres pensantes⁹² na situação. Oribela, no entanto, sentia repulsa enorme por Francisco de Albuquerque, quando afirma que: "Mais olhava o rosto de Francisco de Albuquerque, sua sobancelha, seu nariz, seu queixo, mais sofria. Sua mão a tocar minha mão, dava náusea." (MIRANDA, 1996, p. 75)

Paralelo à isso, numa realidade onde os homens estavam numa posição privilegiada, se houvesse uma eventual fornicção, não seriam tão responsabilizados como uma mulher seria, devido à toda uma construção da figura da mulher enquanto diabólica, lasciva e "adjetivos" afins⁹³.

Ao contrário do que é dito para as mulheres caso haja fornicção da parte delas, podemos perceber que a culpabilidade recai de forma maior para si própria. Esse tema aparece, no romance de Ana Miranda, quando a personagem Velha⁹⁴ conversa com Oribela sobre as regras do matrimônio: "mulher infiel levará a cabeça descoberta por tosquia em pena de decalvação e lha porá o esposo em cima dum sendeiro dalbarda, o rosto contra o rabo e se quiser, a pena da desnudação. E disse. Grande segredo é o morrer, maior segredo é viver." (MIRANDA, 1996, p. 66)

Com isso, constata-se que havia punições para aquelas mulheres que resistissem ao matrimônio de fato e a seus maridos. O casamento confere um status portanto, de não somente controle da sociedade como um todo, mas de controle dos corpos das mulheres⁹⁵:

No lábio da mulher há de cintilar o silêncio, onde floresce seu saber. Que nos era proibido rir e comer aquele dia, ficássemos assentadas na tribuna até soar um tiro ao romper da luz. Cada uma de nós teria quantia certa depois de consumado o matrimônio, cabendo ao esposo determinar e à esposa aceitar, fosse letra de câmbio ou água de rio ou moeda ou vento do lar. Deviam os noivos comer na sacristia com o padre, pão, queijo e vinho e deixar patacas de ouro debaixo da vasilha. (MIRANDA, 1996, p. 66)

⁹² Sendo assim seres pensantes, essas mulheres puderam de fato resistir à sociedade que tanto as oprimiam.

⁹³ Em MIRANDA, 1996, p. 113, é possível perceber que o homem que comete atos libidinosos fora do casamento não sofre nenhuma retaliação, diferentemente de uma mulher sendo adúltera.

⁹⁴ Tal personagem vêm para acompanhar as órfãs trazidas de Portugal, simboliza também uma parcela da sociedade que não servia mais para os moldes portugueses.

⁹⁵ Silvia Federici em *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017) constata o mesmo, pois havia-se uma necessidade de quebrar o poder que mulheres exerciam sobre os homens no tocante à sexualidade.

Portanto, pode-se perceber que o casamento é uma das formas também de manter as mulheres reclusas e submissas a seus maridos, limitando as mesmas a um local restrito: a procriação. Além disso, o casamento se torna importante também pelo fato da composição de uma nova família: a família “tradicional”.

Conforme estudos de Vainfas (*apud* FREYRE, 1933), as famílias tradicionais coloniais eram famílias extensas, com a presença de mãe, pai, criados, escravos, avós, tios, tias e primos. Porém, assegurado desse poder pelo casamento, o homem da casa era o patriarca e todos ali deveriam fazer a sua vontade, demonstrando que a relação no casamento era completamente patriarcal.

Institucionalizado pelo casamento e pela Igreja Católica, a mulher tinha o dever de ser submissa no matrimônio por uma relação chamada *debitum* - onde homem e mulher deveriam se entregar inteiramente na questão carnal. Porém, essa “entrega” deveria ser concretizada quando o homem quisesse, o que daria margem para mulher de fato ser minimizada na relação.⁹⁶

Numa síntese, a importância do casamento no século XVI para uma manutenção da ordem colonial se justificava pelo Estado e pela Igreja, além de ser uma instituição que, supostamente, concedia prestígio às pessoas envolvidas⁹⁷. No mais, a obra *Desmundo* consegue passar muito bem essa necessidade de se haver casamentos na colônia em meio ao ano de 1552, na capitania de Pernambuco.

4.2 QUAL ERA O (DES)MUNDO ENCONTRADO POR ORIBELA?

Oribela é a personagem principal do romance *Desmundo*⁹⁸. Por isso, em várias vezes, a mesma se refere ao Brasil, como uma terra desmandada - ou seja, uma terra onde aconteciam vários desmandos, desde relações sexuais não consentidas, até outros tipos de violências que culminaram num assassinato.

Mas, qual seria o sentido dessa nomenclatura? Tendo-se o cuidado de entender o prefixo “des”, seria a negação de um mundo. Portanto, Oribela se refere ao Brasil como um lugar que não merece ser chamado de mundo, pois é o “mundo”

⁹⁶ Idem. (VAINFAS, 2017).

⁹⁷ Paralelo a isso, é fato que foi uma forma de controlar a sociedade vigente, além da tentativa de tirada de autonomia dos corpos das mulheres.

⁹⁸ A palavra também denota a negação de um “mundo”, aos moldes europeus. Para Oribela, inicialmente, a Ilha de Vera Cruz é um local onde acontecem as piores coisas em sua vida. Porém, com o avançar do enredo, percebe-se que Oribela encontra seu lugar nesta terra.

dos degradados, daqueles que pecaram e, como castigo, foram jogados nesse lugar.

O inferno de Oribela pode ser estendido em muitos fatores: O fato de ser órfã, de ter sido arrancada de seu país, de ser sido posta “à leilão” para casar-se com um estranho, ter sua virgindade e vida violadas brutalmente por seu marido e outros homens, se apaixonar por um “mouro” e acabar engravidando de uma relação extraconjugal.

Oribela foi enviada, juntamente com outras órfãs de Portugal ao Brasil, com o objetivo de encontrar-se em matrimônio com os colonizadores que ali habitavam. No entanto, tendo em vista ao contexto barroco⁹⁹ que se insere na personagem, Oribela é uma personagem que carrega em si uma dúvida enorme: Se deve fazer o que acha certo ou fazer o que de fato, é certo para essa sociedade. Por isso, a chegada de Oribela no *Desmundo*, se dá numa clara dicotomia de esperança de ser um lugar bom e medo do desconhecido:

Deus fora bom para mim, me salvava das garras da liberdade, que era órfã largada no mundo, sem asas e agora coberta da caridade do Senhor e seu amor aos pobres, tinha esposo, amparo, não entendia embora houvesse no fundo alguém em mim que entendesse, sem houvera em meu ser um outro ser. (MIRANDA, 1996, p. 74)

Nessa citação pode-se perceber a grande agonia que a personagem sofre em relação ao seu destino como futura mulher casada. Inserindo-se numa sociedade que provém das marcas barrocas, Oribela representa a constante dúvida que amedrontava, certamente, o imaginário de outras parcelas da sociedade.

Oribela, a partir do momento que é posta “a lances” para matrimônio, sente-se incomodada. O incômodo se dá não somente pelo casamento “forçado”, mas sim por como ela é reduzida meramente a um objeto de desejo sexual. Nasce então, em Oribela, um sentimento de repulsa a tudo que relacione ela a este (des)mundo

⁹⁹ Maravall em *A Cultura do Barroco* (1997) informa que a cultura barroca está interligada principalmente ao ser humano. Por isso, como já citado no capítulo 2, o barroco tem por excelência a atuação junto a certos homens sobre os quais já se possui visão determinada, a fim de fazê-los comportarem-se, entre si e com relação à sociedade, de maneira a conservar sua ordem interna, e isto de acordo com os princípios políticos da época.

As conversações nunca tinham fim, no que se ajuntaram pouco a pouco umas gentes do lugar, mal podia eu repousar da vigília sobre nós, os homens seus olhos lançavam, fôramos cargas de uma azêmola, boceta de marmelada, alguidar de mel sendo eles pontas de arnelas, canas agudas, flechas de arcos, espadas de pau tostado, lanças de arremesso, ferrões, açoites, feros animais, uma cutilada, uma estocada, tomando a cosso para nos possuir, o que lhes nascia de sua cobiça. (MIRANDA, 1996, p. 25)

Por isso, pode-se afirmar que não era somente o matrimônio que deixava Oribela enojada, e sim todo um sistema que a limitava e definia apenas a um objeto de prazer e mando dos homens¹⁰⁰. Desde o seu primeiro encontro com seu futuro marido, Francisco de Albuquerque, é perceptível esse nojo, na narrativa.

[...] Seu aspecto era o de um cão danado, lhe faltavam dentes, tinha pernas finas, nariz quebrado, da cor de um desbotado seus olhares. Cheirava a vinho de açúcar, usava um chapéu roto, tinha tantos pelos a modo de uma floresta desgrenhada e estava sujo, imundo. A pele de seu semblante parecia uma pedra lavrada, corroída pelas ventanias e pelas formigas, feita num áspero burel, seus cabelos como cerdas de javali de que se faziam os cilícios. Triste eram seus olhos de xamete e amorosos de doer. Atinei que queria casar, o que me deu uma angústia no coração. (MIRANDA, 1996, p. 55)

Toda a conjuntura do casamento é, para Oribela, uma tortura. Até no início, seus desejos eram que ela mesma estivesse morta, do que casar com esse homem que ela julgava como asqueroso. Ao mesmo tempo que ela sente uma imensa angústia sobre se casar com Francisco de Albuquerque, julga-se uma tola por não aproveitar a oportunidade de Deus de deixar de ser órfã e ter um “amparo”, que era seu futuro marido. Por isso, é muito claro na obra que a sociedade impunha um padrão, onde o homem seria o protetor e praticamente o pai da sua esposa, tornando-a submissa. O ato sexual forçado representa muito bem essa ideia:

Ele me abriu, explorou e olhando no lume a cor do molhado, de sangue, abanando a cabeça e disse. Verdade disseste e agora és minha, terás o que quiseres, ao meu lado, junto a mim conquistar esta pátria e esta gente de terra alongada e te assentarás acima de uma tribuna, mui ricamente

¹⁰⁰ Nesse caso, a relação com Francisco de Albuquerque não a ajudou a sentir-se pertencente daquele (des)mundo, pois ele se torna o pior pesadelo de Oribela, principalmente com o posterior envolvimento de Oribela com Ximeno, o mouro.

vestida e bem posta, teus formosos olhos à turquesca, teu aspecto grave, de quem tem pensar e querer, tua pele recamada, teus cabelos de canutilhos entressachados de diamantes, teus pés de cetim e tuas cerimônias, com que te amarei sempre. (Idem, 1996, p. 77)

A vida de Oribela, casada com Francisco de Albuquerque, se torna sempre angustiante e triste. Por não se sentir à vontade nesse matrimônio, e por busca de sua própria identidade e com vontade de voltar a Portugal, Oribela tenta a fuga de sua casa sucessivas vezes:

De minha vida em minha terra não queria recordar por ser um falso lume a derramar pelo mundo o alembiar como fora de verdade, querendo animar e esforçar minha alma perdida, com nessa ajuda subir à alteza das virtudes falsas. Alembra-se eu de meu desígnio e de minha esperança, embarcar na nau, rija e direita, fortemente levada com ventos a ir guiar pelo meu desrumo à terra minha. (Idem, 1996, p. 105)

Para infelicidade de Oribela, as fugas, no início, não dão certo. Sempre é encontrada por Francisco e Albuquerque ou, de algum modo, sofre violência física e sexual, tanto por parte de seu próprio marido, quanto de estranhos. Com isso pode-se inferir que essa sociedade não oferecia o mínimo de proteção a mulher que agiam como rebeldes e contraventoras¹⁰¹.

Inicialmente, como já foi dito, as fugas tinham o objetivo de voltar à terra natal de Oribela e fugir principalmente da vida que ela estava levando naquele (des)mundo. Por isso, os castigos de Francisco de Albuquerque chegavam a ser humilhantes para Oribela, a fazendo sentir cada vez mais repulsa por ele. Na obra inteira, não houve sequer um momento onde Oribela sentiu pelo menos empatia por seu marido.

Assim, os estupros e condicionamentos de submissão tornavam a vida de Oribela miserável e, por isso, as fugas eram parte de sua rotina. O (des)mundo de Oribela, portanto, se configura nessa total falta de liberdade, autonomia e de autoconhecimento. A personagem só irá, de fato, se encontrar, quando se apaixona pelo mouro Ximeno, algo que irá perturbá-la por dois interessantes fatores.

¹⁰¹ Pode-se encarar isso como uma forma de punição psicológica para estas mulheres, pois era uma forma de desestabilizá-las enquanto seres humanos. Por isso, tais mulheres assumiam, aos olhos essencialmente patriarcais, como ingratas e loucas.

Em primeiro lugar, antes de tudo Oribela se mostra uma mulher de muita fé e uma católica fervorosa¹⁰². Por isso, a ideia de adultério para ela era totalmente inaceitável, mesmo tendo conhecimento que seu marido a traía¹⁰³. E, ainda ligado à sua religião, o mouro era um subversivo, só por ser quem é. Por isso, por muitas vezes, Oribela tenta resistir à essa paixão, mas acaba se entregando, de fato, para seu autoconhecimento e sua liberdade.

O mouro, naquela conjuntura, era sinônimo de liberdade para Oribela. Em seus encontros amorosos, ela sentia-se feliz e liberta. Porém, essa felicidade muitas vezes vinha com uma extrema confusão de sentimentos, devido ao pensamento ambivalente do barroco que já estava em vigor na Europa, e tinha esse completo “medo” de se entregar à certas atitudes, consideradas diabólicas:

Perguntei se o mouro de cabelos vermelhos era bruxo mas a Velha não sabia. Bruxos são velhos imundos de aspecto repelente que resmungam um latim de sortilégios. Fosse ele, seria um feiticeiro, que são os feiticeiros de muita formosura, metidos dentro de si mesmos em soturnos cárceres, que iludem os fracos e os ignorantes para lhes incutir os desejos de Satã e arrastar suas almas pelas ruas da amargura. (Idem, 1996, p. 136)

Jean Delumeau em sua obra *História do medo no ocidente: Um cidade sitiada (1300-1800)* (2009) discorre acerca desse medo imbricado na figura do mouro. Assim como já foi discutido no capítulo 2 sobre as mulheres, foi implantada sobre a figura do mouro uma espécie de medo coletivo, sendo também considerado como um dos agentes de Satã.

Tais agentes, segundo Delumeau (2009) eram disseminados principalmente pela Igreja Católica. No entanto, assim como a mulher foi vista como agente de Satã, foi um medo que emerge na transição do medievo para a modernidade. Os muçulmanos eram vistos como inimigos do cristianismo e, por isso, deveriam ser combatidos e temidos. O autor utiliza como base as falas proferidas nas *missas contra os turcos*

¹⁰² Isso deve-se a conjuntura na qual Oribela é inserida: Vinda de um convento católico, de um país católico (Portugal), foi, deste modo, “doutrinada” para seguir os preceitos católicos. O seu envolvimento com o mouro, portanto, configura-se num momento de ambiguidade característica do barroco. Como deve-se imaginar, Oribela acaba cedendo a seu desejo “mundano”, encontrando finalmente seu local neste (des)mundo.

¹⁰³ Mesmo sabendo que nesta sociedade uma mulher possivelmente sofreria maior retaliação do Estado e da Igreja se cometesse adultério.

São compostas orações nas quais se suplica a Deus que salve a cristandade da invasão pagã. O avanço otomano é citado pelos pregadores ao lado dos outros flagelos - epidemias, fome, fogo, inundações. Com base em Daniel e em Ezequiel, anuncia-se o fim próximo do mundo pelas mãos dos turcos. (2009, p. 409)

Por isso, pode-se compreender que Oribela associa a imagem de Ximeno à algo diabólico, pois advém de um processo de construção do medo de uma imagem que foi impulsionado principalmente pela Igreja Católica. Oribela, nesse sentido, sentia-se inserida num (des)mundo/mando, visto não como o espaço edênico que se anunciara no início da narrativa, mas como espaço infernal.

Laura de Mello e Souza em sua obra *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial* (2009) nos contempla sobre essa dicotomia que assume a Ilha de Vera Cruz, acerca da identidade do Brasil - se seria um verdadeiro paraíso ou um purgatório quando afirma que o nascimento do Brasil estava imerso num “signo do Demo e das projeções do imaginário do homem ocidental.” (p. 28). Cabe perfeitamente ao (des)mundo que Ana Miranda propõe em sua obra.

Ali estava bem na frente a terra do Brasil, eu a via pelos estores treliçados, lustrada pelo sol que deitava. Uxtix, uxtex, xulo, cá! Verdadeira? Tão pequena quanto pudesse eu imaginar, lavada por uma chuva de inverno, verde, umas palmeiras altas no sopé, por detrás de nuvens de tapeçaria, véu de leve fumo. Hio, hio, huhá. Espantada que a alegria pudesse entrar tão profundamente em meu coração, em joelhos rezei. (Idem, 1996, p. 11)

A vida de Oribela ainda passa por um embate final quando, já com seu filho com Ximeno¹⁰⁴, ele é roubado por seu marido furioso, Francisco de Albuquerque. Porém, consegue salvar seu filho e finalmente, ter um final feliz, ainda que em aberto, mesmo levando em consideração que o romance finaliza com o reencontro de Oribela, Ximeno e seu filho, enquanto Francisco de Albuquerque parte na embarcação que leva consigo o bispo Sardinha¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Interessante seria salientar que Ana Miranda deixa bem explícito que seu filho com Ximeno nasce com as características físicas do pai, quando afirma que “era o cabelo dele claro da cor do mel.” (MIRANDA, 1996, p. 203)

¹⁰⁵ Aqui insere-se uma das características de um romance histórico: Inserir personagens que realmente existiram ou até eventos históricos que de fato aconteceram. No caso da embarcação do bispo Sardinha, é uma expedição que acaba com o encontro do mesmo com os índios caetés, que

Longe se viam as velas de uma nau portuguesa com a cruz do rei, gente do reino e se ia partindo a nau, não chegando e tudo clareou feito um raio no meu coração, aquela era a nau que levava o bispo Sardinha a deitar suas queixas aos pés do rei e gritei tudo o que pude com a minha voz, tornassem a me buscar, mas não fui ouvida por ínfima na terra, numa vã esperança [...] (MIRANDA, 1996, p. 210)

Ao final de tudo, a Ilha de Vera Cruz se torna um local que Oribela conseguiu viver, se conhecer, conhecer um amor e ser feliz, compreendendo que teve que passar por um (des)mundo na sua vida para ser feliz. Ainda mais, Oribela consegue finalmente encontrar um lugar no mundo, já que em Portugal a mesma era considerada degredada naquela sociedade.

4.3 FORMAS DE RESISTÊNCIA DENTRO DE UM CASAMENTO, PROTAGONIZADAS POR ORIBELA

Mesmo tendo-se a ideia de que estamos lidando com posições de poder diametralmente diferentes – de um homem colonizador, pertencente, portanto, a uma elite colonial em formação, e uma jovem mulher órfã, desprovida de família, dote e posses –, Oribela conseguiu, de fato, resistir ao casamento. O que aqui nos interessa compreender, é o casamento dando margem para a mulher que, mesmo de certo modo submissa, consiga reagir negativamente aos mandos e desmandos de seu marido.

Foram percebidas, durante o livro, uma infinidade de momentos que Oribela se mostrou uma mulher que listou uma variedade de abusos cometidos não somente à ela, mas também à todas as mulheres que foram, naquele contexto, marginalizadas. Por essas atitudes, a mesma foi considerada até por ela mesma como diabólica e mal agradecida, pois estava indo se casar, ter um “homem que finalmente a protegeria”, pois sendo órfã, provavelmente não teve anteriormente esse contato com um homem.¹⁰⁶

eram canibalistas e culmina na morte do bispo. No romance histórico, podemos inferir, embora por via extradiegética, o trágico destino de Francisco de Albuquerque.

¹⁰⁶ Joana Maria Pedro e Carla Pinsky na obra *Nova História das mulheres no Brasil (2013)* dissertam sobre o fato da mulher ser considerada um elo fraco na sociedade e, por isso, deve estar sempre à revelia de um homem para lhe mostrar o caminho certo: Seja seu pai, seu irmão mais velho ou mais novo, ou até mesmo seu marido.

As marcas de resistência se encontram em todas as partes do livro. Até quando percebemos o fato de que a narrativa é feita por Oribela, uma mulher que tem o poder de narrar sua própria história, com suas próprias opiniões e perspectivas, principalmente quando Oribela tem seu primeiro impulso de cuspir em Francisco de Albuquerque - seu futuro marido -, e, por isso, é julgada como uma sujeita “demoníaca”, e não como a mulher submissa que deveria ser.

No casamento, a repulsa que Oribela sentia durante toda a narrativa demonstrava que a resistência dessa mulher era constante, pois para ela não havia mais outra opção, a não ser lutar à sua maneira. Por causa disso, Oribela passa a tentar fugir infinitas vezes para voltar para Portugal, ou até viver uma vida na colônia, mas completamente longe de seu marido.

As fugas não davam certo de toda maneira, pois Oribela acabava sendo “recuperada” pelo marido, ou acabava sendo violentada fisicamente ou psicologicamente por outros homens desconhecidos. As suas fugas também demonstravam a vontade que Oribela sentia em ter liberdade, coisa que nunca teve em toda a sua vida.

Outros momentos que podemos entender como resistência, é o fato que Oribela manteve amizades com algumas mulheres órfãs que vieram com ela no navio intitulado de *Senhora Inês*, e sempre é muito sincera sobre o quão a sua vida é miserável naquele casamento.

A ideia de adultério não é somente apresentada na ideia do homem tendo as chamadas “concubinas”, e sim da mulher, resistindo ainda mais ao sistema opressor, encontrando o amor e o desejo sexual em outros lugares. A figura do mouro, amante de Oribela, é retratada ao contrário da de Francisco de Albuquerque.¹⁰⁷

[...] avistei no catre o Ximeno adormecido, desnudado de suas vestes, descalçado dos sapatos, [...] Era tal, que atraiu em tudo que há em mim e lhe fui sentir a boca, ele despertou e me tomou em seus braços num desatino e grandíssimo ímpeto, correndo com as mãos pelo meu corpo,

¹⁰⁷ Ronaldo Vainfas e António Manuel Hespanha protagonizam estudos desse tipo, pelo fato que a concubinação poderia acontecer dos dois lados. Porém, o caso do homem sempre se sai mais justificável que o da mulher.

dizendo suas fala de amante, a beijar meus beijos e outras obra bem desconcertadas [...] (Idem, 1996, p. 179)

Por isso, como já foi citado, o mouro Ximeno se mostra como a dose de liberdade, e ao mesmo tempo de libertinagem para sua vida. A vida religiosa se encaixa nessa conjuntura por fazer com que a mesma reflita acerca de preceitos cristãos que foram embutidos em sua vivência, criando a tensão, que permeia a narrativa, entre os desejos de Oribela e sua educação nos parâmetros moralizantes e repressores do tempo.

[...] inferno glorioso tirado de meu corpo, de minha natureza humana, minha perdição e minha alma indo a luz, portas se abrindo, minha boca bem-aventurada, ele um todo-poderoso a me desfalecer, demandar [...] mas ele disse que não, e foi dizendo que não e não, que ia causar um grandíssimo mal [...] (Idem, 1996, p. 179)

Porém, ao final da obra e do filme, Francisco de Albuquerque acaba por embarcar na nau juntamente com o bispo Sardinha, fato histórico já citado acima, e Oribela finalmente torna-se livre para sua vida ao lado de uma nova família: Ximeno e o seu filho.

Para um maior entendimento dessa problematização acerca das formas de resistência feminina no contexto da Era Moderna, o estudo da historiadora italiana Silvia Federici, *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017) demonstra que a resistência nas colônias, por exemplo, se dava como principal contraponto à ideologia colonial ali imposta. Mesmo como uma crítica ao sistema colonial vigente, onde homens e mulheres eram, de fato, estigmatizados, as mulheres conseguiram, com toda certeza, protagonizar essas lutas: “‘Mulheres’, [...], no contexto [...] significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história [...]” (2017, p. 27)

A ideia de bruxaria, por exemplo, foi de fato difundida no ideal colonial como forma de quebra dessas resistências, assim como acontecia no espaço europeu. Essa discussão encontra-se presente na obra *Desmundo*, onde a amiga de Oribela, dona Bernardinha, é posta em praça pública para ser sumariamente executada por

supostamente ser a assassina de seu marido, proveniente de um boato da amante de seu marido¹⁰⁸. O episódio ficcional atesta essa verdade: Que o projeto colonial acaba por instaurar, dentro e fora do âmbito colonial, a desagregação das mulheres, de modo a mirar suas formas de resistência coletiva.¹⁰⁹

Dentro desse aspecto, podemos afirmar que as resistências se fizeram presentes de fato, protagonizadas por mulheres, mas oprimidas no contexto da formação de uma sociedade capitalista, patriarcal e de caça às bruxas. Infelizmente, a existência de uma historiografia e de uma literatura essencialmente escritas por homens e para homens, faz a omissão de casos como o de Oribela, que supostamente existiam aos montes, mas a omissão dessa história nos faz questionar sobre onde estas mulheres ficaram fadadas na História tradicional: Como coadjuvantes de sua própria história.

¹⁰⁸ Reitera-se aqui a necessidade de salientar que a maior das punições era sempre pensada para a mulher. Neste sentido, a morte à Dona Bernardinha em praça pública servia como exemplo, para que outras mulheres não cometessem o mesmo delito. Porém, deve se ver o assassinato do marido como uma forma de resistência, visto que uma grande maioria destas mulheres casavam por obrigação, e não por amor.

¹⁰⁹ Silvia Federici em *Calibã e a bruxa (Idem, 2017, p. 440)* explana que as mulheres nas chamadas sociedades coloniais, principalmente as indígenas - que seria o caso de Dona Bernardinha - eram personagens de poder em suas culturas originárias. Por isso, toda uma reação, socialmente disseminada a partir de instituições como a Igreja e o Estado, de acusar mulheres nativas e não nativas de bruxas era essencial para a manutenção da ordem colonial.

5. CONCLUSÃO

Podemos concluir, portanto, que o casamento nos anos iniciais da colonização foi uma instituição utilizada para equilíbrio e controle social. Dentro de tal instituição, deveria haver respeito e submissão por parte da mulher para com seu marido, pois a sociedade que ali se formara teria preceitos patriarcais, que remontam principalmente à Europa Medieval e sua transição para a Modernidade.

Dentro desse contexto no qual a colônia tem como espelho sua metrópole (neste caso, Portugal), os casamentos vão sendo incentivados e realizados pela Coroa Portuguesa, com o intuito de povoar a conhecida *Terra de Santa Cruz* e também afastar principalmente os homens dos pecados mundanos que aquele (des)mundo traria.

Essa tentativa era encabeçada principalmente pela Igreja Católica funcionava, na realidade, como uma forma de controlar os corpos e vontades das mulheres, pois como foi encontrado durante a construção desta pesquisa, o casamento não fazia com que homens parassem de ter relações sexuais fora do matrimônio¹¹⁰. Isso era causado, no entanto, devido ao medo da figura da mulher enquanto ser diabólico, ideia construída no medievo e perpetuada na modernidade pela igreja Católica.

A análise do romance histórico *Desmundo*, da poeta cearense Ana Miranda é de extrema importância justamente para compreender como funcionava essa sociedade emergente nos trópicos. Além de compreender o passado na voz de uma persona que foi silenciada por uma historiografia tradicional - ou seja, as mulheres - serve-se também para compreender as particularidades do hoje, como já foi explicitado na introdução que um romance histórico pode ser utilizado para compreender o hoje, visto que existem nele particularidades do presente.

Para trabalhar com uma fonte histórica literária, foi preciso fazer alguns estudos sobre as relações de literatura e história, elucidando questões sobre a veracidade dos fatos, além da própria ficção como algo que serve para demonstrar

¹¹⁰ Por exemplo, Francisco de Albuquerque, mesmo casado no matrimônio católico, tinha atos sexuais com as indígenas, inclusive na presença de Oribela, sua esposa. Isso nos faz constatar que o homem estava numa posição clara e evidente de poder, pois não havia perigo para o mesmo se cometesse o pecado do adultério. Já a mulher poderia ser até apedrejada em praça pública, caso fosse pega em flagrante ou fosse denunciada. Tais contribuições puderam ser encontradas no romance histórico de Ana Miranda (1996) e também no estudo de Silvia Federici (2017).

alguma problemática naquela sociedade. As problemáticas conferem-se como importantes para o meio acadêmico e para formação crítica sobre o que consideramos “oficial”.

O romance histórico nos auxilia a elucidar, no entanto, uma gama de questões importantíssimas para o meio acadêmico: Desde fatores sociais até a fatores religiosos, contendo também detalhes íntimos da vida privada. Utilizar essa forma inovadora de se fazer história torna-se imprescindível, visto que essa nova visão da História tem por objetivo, além de conceder voz aqueles que foram sumariamente silenciados pela história, compreender a verdadeira identidade do Brasil¹¹¹.

Por isso, com a ajuda de teóricos que trabalham na linha de História Social e História das mulheres, além dos teóricos pós-modernistas que tratam da relação entre literatura e história foi possível fazer uma análise sobre o romance histórico e suas funcionalidades enquanto fonte histórica de investigação, além de salientar sua importância para finalmente conceder voz aos oprimidos da História.

Foram percebidas naquela sociedade emergente a presença quase que onipresente dos preceitos católicos, incorporados principalmente pelos padres jesuítas que foram aqui inseridos para converter, catequizar e controlar essa sociedade que florescia. Por isso, entender o protagonismo de Oribela e suas sucessivas formas de resistência rente à essa sociedade foi de imprescindível razão para complementação desta dissertação. Pode-se perceber a influência do catolicismo nessa sociedade de tal forma que penetra no imaginário popular, inclusive na das mulheres, que se imaginavam como diabólicas¹¹²

Nunca deixou de haver as celebrações da igreja, fosse à chuva ou tempestade; fosse em calmaria, perto das ilhas, longe delas, em meio ao mar manso ou bravo, fomos todos criados na santa fé, crendo na providência, de almas razoáveis que por três maneiras chegavam a Deus, pelo amor, pelo temor e pelo trabalho. (MIRANDA, 1996, p. 17)

¹¹¹ Como já fora citado, os anos 2000 marcam a historiografia com uma temática importante: Qual a verdadeira identidade brasileira? Por isso, Desmond enquanto obra literária e produção cinematográfica surge como uma das propostas de inferir-se qual seria a identidade brasileira nessa formação do Brasil colonial.

¹¹² Durante o trabalho foi visto que Oribela se via enquanto ser diabólico por não conseguir aceitar seu destino de desposar com um homem que ela repudiava.

Por isso, constata-se a grande influência que a igreja causava nessa sociedade. Os habitantes da Ilha de Vera Cruz, no entanto, foram verdadeiramente doutrinados a seguir cegamente as leis “divinas” da Igreja Católica. Toda a conjuntura do casamento tinha como consequência a “quebra” dos corpos das mulheres e sua subsequente autonomia.

Foi possível concluir que essas mulheres sofriam com a opressão em todos os âmbitos: seja na esfera pública ou privada, essas mulheres almejavam pela libertação. No romance histórico *Desmundo* (1996) pôde-se perceber que tinha mais de uma narrativa de resistência por parte das mulheres desse sistema opressor¹¹³, podendo assim constatar que essas vozes de fato existiram aos montes, mas por conta do medo de conceder poder à figura feminina, foi formado um verdadeiro projeto de desvalorização destas mulheres, as encarando como pessoas inferiores aos homens.

Compreende-se, portanto, a importância que a figura de Oribela personifica como aquela que não foi passiva em relação aos desmandos que aconteciam em sua vida, assim como tantas outras mulheres também resistiram. O estudo desta persona nos permitiu compreender a importância que a História das mulheres tem na Historiografia brasileira e, por isso, mais pesquisas extensivas devem ser incentivadas em prol de histórias recontadas pela ótica do oprimido.

Os (des)mundos encontrados por Oribela, que a deixaram de fato ainda mais oprimida num lugar que ela de fato detestava, fez com que ela procurasse sua liberdade e, ao mesmo tempo, seu autoconhecimento. Através de um mouro chamado Ximeno, ela encontrou amor e carinho que não tinha na sua relação com Francisco de Albuquerque, e isso a faz acreditar que aquele lugar que ela tanto despreza, pode virar um lugar para viver, de fato, um mundo possível.

O processo de autoaceitação do (des)mundo que outrora Oribela não considerasse um local adequado para ela viver - devido principalmente à todos os acontecimentos negativos que aconteceram naquele local - se configura quando ela

¹¹³ Como o exemplo de dona Bernardinha, que assassinou seu marido e teve um fim trágico.

encontra paz, aconchego e entendimento nos braços de seu amante, Ximeno, com quem acaba tendo um filho e formando uma “família”¹¹⁴.

A resistência de Oribela em relação à todo o desmundo que acontece em sua vida e principalmente no matrimônio consegue atestar que as mulheres constituíram uma parcela da sociedade que sim, era desvalorizada e oprimida, mas nem por isso as mulheres deixaram de resistir aos desmandos que aconteciam em suas vidas privadas.

Violências verbais, sexuais e físicas sofridas no matrimônio e até fora do mesmo não fazem a personagem Oribela desistir e aceitar pacificamente sua condição. O que nos faz ainda mais reiterar que a resistência das mulheres advém de tempos que eram negados às mulheres viver e serem donas de sua própria história. *Desmundo* é um romance que merece ser lido sob uma ótica libertária, e de modo a refletir sobre opressões, silenciamentos e sobre a necessidade de se reconstruir a história sob a ótica do feminino.

¹¹⁴ O termo família foi utilizado entre aspas pois a Igreja condenava famílias que não fossem oficiais, ou seja, mantidas no sacramento divino.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da historiografia**. Tradução: Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas**; Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada: Da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800): Uma cidade sitiada**; Tradução: Maria Lucia Machado; Tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colonial**. 1990. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. Acesso em: 20 jul. 2022.

_____. **Mulheres no Brasil Colonial**. São Paulo, Contexto, 2003.

Desmundo. Produção de Anna Muylaert e Alain Fresnot, São Paulo, Columbia Pictures Brasil, 2002 101 min., son., col, legendado.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**; Tradução: Denise Bottmann - 1. ed. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

HESPANHA, António Manuel. **Imbecillitas: As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime**. São Paulo: Annablume, 2010.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: História, teoria e ficção**. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

MARAVALL, J. A. **A cultura do barroco: Análise de uma estrutura histórica**. Tradução: Silvana Garcia. São Paulo: EDUSP, 1997.

MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NOVAIS, Fernando A.; SOUZA, Laura de Mello e. **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios atuais dos feminismos, Florianópolis, 2013. **Aspectos Coloniais: A opressão do feminino na obra Desmundo, de Ana Miranda**. Anais eletrônicos, pps. 1-12, 16 fev. 2013.

PIMENTEL, Helen Ulhôa. "O Casamento na Construção da Ordem Colonial". In **Universitas**. Brasília: UniCEUB, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.); PEDRO, Joana Maria (org.). **Novas histórias das mulheres no Brasil**. 1. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SCREMIN, Sueli Santos. **Uma análise da obra Desmundo, segundo as perspectivas da memória e da história**. 2014, 140 pgs. Dissertação de mestrado pelo Centro Universitário Campos de Andrade - UNIANDRADE, Curitiba.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. Série princípios, Editora Ática: São Paulo, 1986.

_____. **Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. Tradução: Alípio Correia de França Neto. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

ZORZO, Solange Salete Tacolini. **Desmundo: Retratos e fotografias metaficcionais: As relações dialógicas entre o romance de Ana Miranda e o filme de Alain Fresnot**. 2014, 129 pgs, Dissertação de mestrado pelo Programa de

Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.